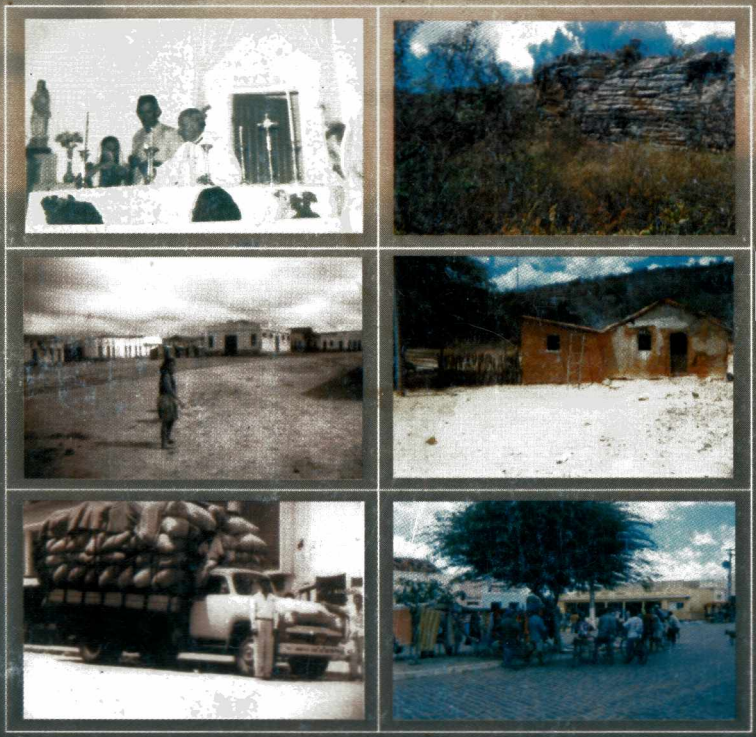
ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE



JOSÉ LUCIANO DE QUEIROZ AIRES
LÁZARO ALVES DE FARIAS

SOBRE OS AUTORES



José Luciano de Queiroz Aires é graduado em História pela UEPB.Natural de Parari-PB, exerce atualmente as funções de Professor de História da Escola "João Rogério", em Assunção e Diretor de Cultura da Prefeitura Municipal de Taperoá. Na literatura historiográfica já atua com cinco trabalhos publicados, dentre eles: **Trajetória Política de Argemiro de Figueiredo** IN: **A Paraíba do Século XX,** publicado pela Fundação Ulisses Guimarães.



Lázaro Alves de Farias, apesar de nascido em Campina Grande, se considera um verdadeiro filho de Assunção. Ex-aluno da Escola "João Rogério", hoje é graduando do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande. Exerce a função de Professor na Escola "Jaime Ferreira", em Assunção e também já atua na área literária com a publicação do trabalho **Otacílio Nóbrega de Queiroz: Uma História do Jornalismo à Política** IN: **A Paraíba do Século XX**, obra fruto de Concurso Literário promovido pela Fundação Ulisses Guimarães.

JOSÉ LUCIANO DE QUEIROZ AIRES
LÁZARO ALVES DE FARIAS

À Biblioteca do CDSA | UFCG.
Com os Cumprimentos de
Luciano Queiroz
2011

ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE.

ASSUNÇÃO, 15 DE JANEIRO DE 2003

Prefeitura Municipal de Assunção
Prefeito: Antônio Martiniano dos Santos
Vice-Prefeito: Lindoval Balduíno da Nóbrega
Secretária de Educação e Cultura: Maria das Graças Tôrres de Medeiros
Revisão de texto: Maria Leandra Ribeiro Cavalcante.

Dedicamos esse trabalho:
Aos nossos pais, irmãos e familiares, pelo apoio;
Aos estudantes das escolas "João Rogério",
"Jaime Ferreira" e "João Martiniano";
À memória de José Pedro Diniz e Pio Salvador
de Maria, pioneiros dessa povoação;
À memória de Júlia Borges Ferreira, grande
educadora de Assunção;
A todos que vivenciaram e ainda vivenciam essa
história.

AGRADECIMENTOS

Desde já queremos agradecer a todas as pessoas que tiveram uma ponta de participação na concretização deste trabalho.

Em primeira mão, a nossa gratidão ao prefeito Antonio Martiniano dos Santos pelo patrocínio e valor que tem dado a esta obra.

Agradecemos ainda a família Balbino Santos que também se prestou muito bem em nos oferecer documentos e informações que necessitamos.

Outras pessoas dignas de relevantes lembranças são as que nos concederam entrevistas, além da professora pararíense Maria Leandra Ribeiro, responsável pela revisão ortográfica e do professor Faustino Neto, coadjuvante nato do desenrolar deste trabalho.

Nossos agradecimentos também aos alunos da Escola "João Rogério" que colaboraram na coleta de dados para a realização desta obra, a saber: Michele Cristina, Girlene Pinheiro, Francisco Farias, Juberlânia Pereira, Suely de Souza, José Ediglei, Juliana Pereira, Rubnéria Fernandes, Erivaldo Guedes, Denílson e José Paulo Balduíno, João Paulo Bernardo, Maria Sandra, Flávio Taveira, Rita de Cássia, Jadilson Maciel, Kátia Kelly e Aline Ariane.

Ademais, nossa gratidão a quem nos abriu os arquivos para que pudéssemos realizar nossa pesquisa, a saber:

- Gervásio Maia- Presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba;
- Martinho Lisboa- Presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE);
- Luiz Hugo Guimarães- Presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba;
- Universidade Federal de Campina Grande;
- Universidade Estadual da Paraíba;
- Dr. Luiz Eduardo Cantalice- Juiz de Direito da Comarca de Taperoá;
- Maria das Graças Dias Tolêdo de Farias- Escrivã do Cartório de Registro Civil de Taperoá;

- Áurea Lúcia de Farias Mota- Presidente da Câmara Municipal de Taperoá;
- Cícero Freire-Presidente da Câmara Municipal de Juazeirinho;
- Roberto Paulino-Secretário da Câmara Municipal de Juazeirinho;
- Arquivo pessoal do prefeito de Taperoá Luiz José Monteiro de Farias;
- Padre João da paróquia de Juazeirinho;
- Padre Albertino da paróquia de Taperoá;
- Padre Luís Carlos Fires Diniz da paróquia de Soledade;
- Mônica Suely Trajano Rodrigues- Gestora da Escola "João Rogério";
- Vanusa Maria de Oliveira- Gestora da Escola "João Martiniano";
- Eva Salustiano do Nascimento- Gestora da Escola "Jaime Ferreira";

APRESENTAÇÃO

(*) Antonio Soares

ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE - eis a obra que, ora lançada, tem os requisitos mais que necessários para alcançar as função e finalidade a que se propõem os seus jovens autores - José Luciano de Queiroz Aires e Lázaro Alves de Farias - *ambos filhos da terra por adoção*.

A primeira característica do trabalho em tela recai no que se pode chamar de obra fechada. Obra que não deixa lacunas. Os assuntos e temas focalizados saem devidamente medidos, ponderados e analisados. Desde a informação histórica aos mais variados requintes do tecido social da comunidade em foco, tudo perpassa e é objeto dos quatro capítulos em que se reparte ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE.

Seus autores, como historiadores que são, escolarmente capacitados, sabem e tiveram essa fina intuição e cuidado de integrarem a obra no todo a que pertence. Desse modo, o leitor pode acompanhar a evolução social e cronológica das terras ou território da outrora *Estaca Zero e Assunção de Hoje*, primeiramente terra de mato. O tempo ou circunstâncias fazem que essa "área geográfica coberta de matos" seja integrada numa que outra sesmaria, tangida por um que outro povoador que as aproveita para criação de gado.

Chega a estrada. Com a estrada de rodagem, vêm as estacas. Precisamente, "o ponto em que estava encravada a estaca zero" torna-se movimentado e cruzado por carros e gente. De seguida, aparece o casebre de taipa, a casa comercial ou residencial. Segue-se-lhe o povoado. Este acaba por, de distrito dos municípios de Taperoá e Juazeirinho, respectivamente, ascender a município, sob o

nome de Assunção.

Isto será pouco. Porém, é tudo. O importante é que a mão historicamente séria dos jovens autores, seguindo esta curva evolutiva e aproveitando o máximo de fatos e feitos, sabe que estes tão aparentemente insignificantes acontecimentos constituem a verdadeira carnadura da história. Também em mente que a história das grandes unidades exige a laboração da pequena unidade. Pensamento certo que Luiz Hugo Guimarães acertadamente desenvolve ao lembrar que a história do pequeno município se torna a peça fundamental para a história da Paraíba.

Assim é que ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE nasce nos momento e hora certos. Momento certo em que o distrito Estaca Zero adquirindo o estatuto de lugar e presença no contexto sócio-cultural em que se insere. Também hora certa pois antecede toda a complexidade a que rapidamente chegam os lugares que dão seu primeiro passo no rodízio histórico como se acontecer com qualquer lugar sacudido pela mão do progresso. Fatos e acontecimentos que hoje rolam sem nada de notório mas que determinam o amanhã que lhes dá o merecido valor ou importância social. Por isso muito bem agiram os dois jovens professores em tudo fixarem na perenidade da palavra que fixa a memória do homem.

Por outro lado, o fato dos jovens autores serem parte e presença dos acontecimentos tratados, confere e permite mais segurança e rigor expositivo, pormenores esses fundamentais e exigidos para tudo o que se vem constituindo em matéria de história. Daí o recurso à memória sair firme. Os preenchimentos com testemunhos orais serem vivos e acessíveis. Os documentos ainda não

estarem desgastados nos diversos arquivos, o mesmo acontecendo com os testemunhos orais e o material fotográfico. A hora certa está em buscá-los, recolhê-los e aproveitá-los, coisa que os jovens autores de **ESTACA ZERO DE ONTEM, ASSUNÇÃO DE HOJE** souberam fazer e prever com a melhor e a mais fina das intuições.

Fiquem os jovens autores com a consciência do dever e propósito cumpridos, que o foram de fato. O resto o dirão a comunidade favorecida com tão exemplar obra bem como a história da Paraíba por tão segura e firme contribuição.

(*)-Escritor português, membro da Academia Capinense de Letras.

Editor de Edições Caravela
Antonio Soares
Editor de Edições Caravela
Rua Peregrino Carvalho-276
Caixa Postal-437
Campina Grande/Pb-58.100-500
e-mail: soaresnordestino@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Afirma o presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, professor Luiz Hugo Guimarães, que a História da Paraíba só estará inteiramente contada no dia em que todos os municípios tiverem a sua escrita.

Nesse particular, Assunção, com essa obra, sente-se engrandecida pelo sabor do dever cumprido. É um presente que oferecemos em prol da reconstituição dos fatos e feitos dessa gente caririzeira acostumada com as peripécias da história.

A origem da obra tem sido mais importante ainda, pois nasce de entendimentos dos autores, ambos filhos da terra por adoção, um professor da Escola "João Rogério" e outro da Escola "Jaime Ferreira".

O presente trabalho vem incrementar a produção historiográfica caririzeira, ainda escassa, segundo o historiador José Octávio de Arruda Mello, apesar do empenho dos irmãos Dinoá Medeiros, Evaldo Gonçalves, Inocêncio Nóbrega, George Gaudêncio, Dorgival Terceiro Neto, José Leal, Celso Mariz, Faustino Neto, dentre outros.

Temos a incumbência de redobrar as pesquisas sobre o Cariri, e, sobretudo, publicá-las para que fiquem como subsídios para as futuras gerações.

Foi mais de um ano de trabalho de rastreamento e verdadeiro garimpo que fizemos pelos diversos arquivos escritos, orais ou fotográficos da Paraíba, a fim de contar da melhor maneira possível a história do município de Assunção.

Não é um trabalho laudatório que age mais com o sensacionalismo do que com o conhecimento científico. Nosso objetivo aqui não é favorecer grupo, pessoa ou classe, e sim, como afirma o historiador Fernando Novais, "*o que buscamos são aproximações mais ou menos felizes*", sujeitas a críticas e discussões, desde que feitas com coerência.

Assunção, 15 de Janeiro de 2003.

OS AUTORES

ÍNDICE

CAPITULO I
ÍNDIOS, ORIGENS E URBANIZAÇÃO
1-1-Tudo começou com os índios---------- 17
1-2-Os primeiros brancos----------18
1-3-Nasce Assunção: beirando a estrada e escorada na serra----- 24
1-4-A latada e o hotel que viraram cidade---------- 25
1-5-Processo de urbanização---------- 28
1-6-Uma estrada, dois Distritos, dois Municípios---------- 35

CAPITULO II
UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DE ASSUNÇÃO
2.1- Redemocratização---------- 38
2.2- Ditadura Militar---------- 42
2.3- Nova República---------- 47

CAPITULO III
SOCIEDADE E ECONOMIA
3.1- Conheça os costumes do povo de Estaca Zero---------- 62
3.2- Meios de Comunicação---------- 65
3.3- Iluminação---------- 69
3.4- Ferrovia: construção e cotidiano---------- 71
3.5- O cangaço em Estaca Zero: provas e possibilidades--------- 75
3.6- Assunção e a II guerra mundial---------- 76
3.7- Economia---------- 79

CAPITULO IV
IGREJAS, ENSINO E CULTURA
4.1- A vida religiosa de Assunção---------- 83
4.1.1- Histórico da Igreja Católica ---------- 83
4.1.2- Histórico da Igreja Assembléia de Deus---------- 87
4.1.3- Histórico da Igreja Betel do Brasil---------- 89
4.2 Ensino---------- 91
4.2.1- Histórico da Escola "João Martiniano"---------- 92
4.2.2- Histórico da Escola "Jaime Ferreira"---------- 94
4.2.3- Histórico da Escola "João Rogério"---------- 95
4.3- Da transmissão da Cultura à identidade de um povo-------- 98
4.3.1- No governo Lula, a festa que virou tradição---------- 98
4.3.2- Administração de Geraldo Noé de Farias: no distrito surge o carnaval--100
4.3.3- O futebol de tantos---------- 100
4.3.4- Os grupos musicais de Assunção---------- 101

CAPÍTULO I
ÍNDIOS, ORIGENS E URBANIZAÇÃO EM ASSUNÇÃO

1.1-TUDO COMEÇOU COM OS ÍNDIOS

A história de Assunção, assim como a de todos os países americanos, tem início com a figura do índio que há milhares de anos vivia espalhada por todo território.

Muito pouco se tem pesquisado a respeito dos indígenas paraibanos, tema que certamente esbarra na escassez das fontes históricas. Mesmo assim circula na praça literária trabalho meritório do antropólogo José Elias Borges que faz uma abordagem dos três grandes grupos indígenas aqui existentes, com suas subdivisões, localizações e diferenças culturais.

Borges afirma que o litoral paraibano colonial era habitado pelo grupo dos Tupis, este subdividido em Potiguaras, primitivos na terra e Tabajaras, advindos das margens sanfranciscanas. Segundo ele, foram os primeiros, grandes defensores de nossa terra na luta contra os colonizadores; enquanto os segundos, aliaram-se aos portugueses facilitando o domínio da Capitania.

O Sertão, que naquela época incluía o atual Cariri, era habitado por dois grandes grupos indígenas: os Cariris e os Tarairius. Faziam parte do primeiro grupo as tribos Chocós e Paratiós, Carnoiós, Bodopitás, Icós, e Coremas e do segundo os Sucurus, Janduís (Santa Luzia e Patos), Ariús (rio Sabugy e Seridó), Pegas, Panatís, Paiacús, Canindés, Genipapos, Cavalcantis e Vidais.

Os Cariris habitavam mais o Alto Sertão e o Cariri Oriental, fronteira com Pernambuco. De acordo com Irineu Jóffily, corroborado por José Elias Borges:

> *"Os índios Sucurús ocupavam todo território hoje compreendido nas comarcas de Alagoa do Monteiro, São João do Cariri até Teixeira e a Serra do Orobá município de Cimbres, do estado do Pernambuco".(1)*

Daí concluimos que o território do atual município de Assunção era povoado aquela época pelos índios Sucurus, nação valente e bravia que empreendeu resistência à estaca da colonização. O mapa abaixo mostra a divisão e localização dos índios paraibanos, consoante estudo de Borges.



1.2-OS PRIMEIROS BRANCOS

A colonização do Brasil se deu de forma lenta e gradual. Durante o século XVI apenas o litoral havia sido ocupado por núcleos açucareiros. Na Paraíba, em especial, até 1639 o desbravamento esbarrava nas montanhas de Cupaóba, atual território do município de Serra da Raiz. Era uma colonização ainda restrita ao litoral, pois distanciava-se apenas 20 léguas da costa oceânica.

Após a expulsão holandesa do Nordeste é que ocorreram incursões mais interioranas em nossa capitania, já no final do século XVII. Duas foram as linhas de penetração branca no Sertão paraibano (inclua o Cariri de hoje). Segundo o historiador José Octávio, baseado em estudos de Wilson Seixas, a linha longitudinal foi empreendida pela Casa da Torre que, partindo da Bahia pelo rio São Francisco alcançaria o Pajeú, em Pernambuco e os Piancó, Piranhas e Rio do Peixe no Alto Sertão Paraibano. A linha latitudinal seguia o curso do rio São Francisco, na Bahia, chegaria ao Pajeú, no Pernambuco e a Paraíba, que serviu de direção para alcançarem a povoação de Boqueirão em 1670. Daí

seguiram o traçado pelo rio Taperoá, ocupando o Cariri e o Sertão no sentido leste-oeste.

No caso do Cariri, notadamente, a colonização foi assegurada pelos primeiros Oliveira Lêdo. A Casa da Torre não passou pelo nosso território. Esta família portuguesa era numerosa e seus parentes e aderentes foram cuidando de requerer sesmarias e montar fazendas de gado no Cariri e Sertão.

O patriarca da família, Antonio de Oliveira Lêdo, partindo de Boqueirão, por ele fundado, seguiu o curso do rio Taperoá (Travessia), a seguir o rio Espinharas, nas vizinhanças de Patos. Mais tarde chegou no rio Piranhas passando pelo atual município de Brejo do Cruz para alcançar o Seridó paraibano através do Rio Grande do Norte.

A colonização do interior da capitania da Paraíba se deu de forma assistemática. Os desbravadores adentravam em busca de terras nas quais pudessem montar uma fazenda de gado. Objetivavam especificamente os territórios cortados por rios ou riachos, lagoas, poços ou cachoeiras, isto porque nossa região sempre foi vítima de chuvas escassas.

Quem se deu ao trabalho meritório de copiar os requerimentos originais de sesmarias para o importante livro "Apontamentos para a História Territorial da Paraíba", foi o historiador João de Lyra Tavares. Trata-se de um grandioso subsídio para quem deseja reconstituir a história de seu município e até mesmo da própria Paraíba.

Em observação atenciosa, buscando os primeiros colonizadores de Assunção, chegamos a conclusão de que a pequena quantidade de riachos e a inexistência de um rio de médio ou grande porte não levaram os colonizadores a se interessarem tanto por este território de imediato.Verificamos requerimentos solicitando sesmarias nos vales do Sabugy e Seridó que, pela extensão expressa nos documentos, poderiam adentrar pelo território do município em estudo. É o caso de uma requerida em 1762 pelo português Geraldo Ferreira Neves que, partindo do Olho d'água da Carahybeira ao pé da Serra da Borborema, corria três léguas de comprimento. Outro exemplo disso é o requerimento de Antonio Pinto em 1767, legalizando o domínio nas fazendas Barra

e Mucuitú confrontando com os Tanques de Felipe Dias.

O relatório do capitão-mor dos Cariris Velhos, Clemente de Amorim Sousa, encaminhado ao Senado da Paraíba em 1757, é considerado por muitos pesquisadores a Carta de Caminha do Cariri Paraibano, tal a riqueza detalhista de lugares e povoações da região existentes até aquele ano. Fala das fazendas existentes às margens dos rios Paraíba, Taperoá(Travessia) e seus afluentes. A única referência a território assunçãoense consiste no trecho que transcrevemos a seguir:

> *"... de Santo André e daí duas léguas está o sítio Mucueta (sic) e daí três léguas está o sítio da Barra e daí meia légua pela parte da mão direita está o sítio chamado Olho D'água..." (2)*

Como vimos acima, Antonio Pinto requereu o sítio Barra como sesmaria em 1762. Entretanto ele já foi citado em tal relatório, pois em 1756 ele já habitava o lugar, faltava apenas legalizar o domínio da área, o que sobreveio com a concessão da sesmaria pelo capitão-mor Jerônymo José de Mello e Castro.

Revolvendo os livros antigos da freguesia de São João do Cariri, já detectamos a ocupação da Barra, Catolé , Mucuitú, Timbaubeira, Poço do Cavalo, Cajazeiras, isto durante o século XIX.

As terras da Cajazeiras, localizadas ao pé da Serra da Borborema, eram de propriedade das famílias Martiniano, Lucinda e Guedes dos Santos. Um membro desta última, Balduíno Guedes dos Santos, morador em Equador concedeu grande parte dessas terras ao seu filho Francisco Balduíno que, ao casar-se com Tereza Balduíno da Nóbrega, fixou residência nelas, já no século XX.

Os sítios Timbaubeira e Mucuitú , hoje dividindo os municípios de Assunção e Santo André, estavam encravados na data de Poço do Cavalo, pertencentes ao Barão de Aquiraz, descendente de português e morador no Ceará. Além disso, era proprietário de mais duas datas de terras na Paraíba, recebidas como prendas pelo imperador D.Pedro.

Precisava, porém, de ocupá-las. Sendo assim, lançou proposta ao marinheiro português José Ferreira Tavares, morador em Fortaleza até 1885, para que viesse administrar a data de Poço do Cavalo recebendo salário e participação nos lucros da fazenda. José Ferreira nasceu nas ilhas dos Açores, em 1855, e sendo sorteado para o serviço militar nas colônias, preferiu fugir para o Brasil se instalando em Fortaleza. Lá começou como caixeiro no comércio de Chico Santabaya e terminou como genro do mesmo.

Nesse particular, ao receber a proposta do Barão se pôs em longa trajetória de cem quilômetros realizados em vinte e seis dias, saindo de Fortaleza e chegando em Mucuitú em 1886 para jorrar a semente da família Ferreira Tavares nessa região.

Nesse trajeto vieram dez pessoas, incluindo a esposa Edeltrudes Adelaide Ferreira, a sogra, os filhos Antonio, Francisca e Rosa, além de Joaquim Mota, considerado seu braço direito, Manoel Joaquim e três mucamas: Cabocla, Maria da Luz e Jandira.

Ao chegar no Cariri paraibano, o marinheiro José Ferreira Tavares se instalou no sítio Maria José, onde nasceu o filho José, em 1886. Em 1888 a família se mudou para o sítio Timbaubeira, onde nasceram os filhos: Júlio, em 1889 e Luiz, em 1891.Lá, construiu casa de vivenda em estilo açoriano. Em 1893 foram residir no sítio Mucuitú onde nasceram os filhos: Jaime (1893), Jônatas (1895), César(1896) e Maria(1899).

Em Poço do Cavalo, José Ferreira deu morada a um italiano que residia em Cacimba de Pedra. Este havia se desentendido com a família por causa de uma mulher que arranjou e sem ter onde morar foi acolhido pelo marinheiro português. Ocorre que o italiano começou a fazer arruaças, causando insatisfação na vizinhança, o que mereceu despejo por parte de José Ferreira que mandou, inclusive, quebrar o telhado da casa onde morava o italiano.

Veja o destino. Certa vez José Ferreira Tavares soube que o Barão de Aquiraz estava vendendo a data de Poço do Cavalo e que o comprador das terras onde ele morava era o dito italiano enxotado pelo marinheiro José Ferreira. Assim, pressentindo revanche, deixou aquelas terras e foi residir na vila de São João do Cariri, em 1900. Por causa dessa traição, o Barão de Aquiraz foi considerado pelos Ferreira como "Barão de Carcará".

UFCG - BIBLIOTECA

Passou apenas dois anos em São João, pois em 1902 adquiriu por compra o sítio Catolé, hoje na divisa de Assunção e Tenório. Veja como o escritor e neto do referido descreveu aquele momento:

> *"Entre 1902 e 1905, de uma terra virgem onde havia apenas os sinais de uma posse, isto é, uma casa de taipa, um pequeno curral de gado e um barreirote, surgiu uma próspera fazenda de alto padrão, das melhores da região, e a maior causa disso foi o trabalho, muito trabalho..."(3)*

Em 1904 ainda residiu em Equador, enquanto construía uma casa nova. Em 1905, concluída a residência, regressou ao Catolé.

Arquivo de Mario Ferreira



O português José Ferreira Tavares



Ex-libris do marinheiro José Fereira

Foi uma colonização identificada com os pilares da sociedade colonial brasileira, baseado no latifúndio, na monocultura, no escravismo e no patriarcalismo.

Os requerimentos sesmariais denunciam muito bem a dimensão das propriedades, geralmente três léguas de comprimento e uma de largura. A atividade econômica base era a pecuária, como sendo setor subsidiário à economia açucareira litorânea. A historiadora Leonília Amorim se refere a pecuária nordestina da seguinte forma:

> *"Capistrano de Abreu, antigo historiador brasileiro, ao pesquisar o interior nordestino, constatou a utilização marcante do couro de boi em muitos utensílios, tais como: portas e janelas das cabanas, leitos para dormir, bancos e tamboretes de assento, cordas, bornais, alforjes para comida, mochilas para milhar, peias para animais, chicotes, arreios, bruacas, bainhas de faca, surrões, selas, roupas para entrar no mato, etc, formando um todo que àquele historiador denominou de Ci. 'ização do Couro."(4)*

Além de todos os utensílios citados, da pecuária ainda se retiravam a carne, o leite e seus derivados como queijo, coalhada e manteiga. A agricultura de subsistência complementava a vida econômica das fazendas nas quais se plantavam milho, feijão, batata, abóbora, melancia, mandioca, cana, etc. O algodão aparecera mais tarde para formar um casamento ideal com o setor criatório.

O escravismo não era peculiar apenas aos engenhos açucareiros, como expressou o historiador Horácio de Almeida. As pesquisas cartoriais realizadas pela historiadora Diana Soares de Galliza, como também por nós, atestam a presença do escravo na zona sertaneja.

Folheando os livros de batizados da freguesia de Nossa Senhora dos Milagres de São João do Cariri, nos deparamos com batistérios de escravos em toda a região caririzeira, inclusive em Assunção, a exemplo do que se segue:

> *"No dia 1° do mês de janeiro de 1851 baptizei e pús os st.^{os} olhos a Brazilina nascida a 20 de dezembro de 1850 fi.^{a} legit. de Tiago e sua mu.^{er} Luiza, escravos de Luiz da Costa Villar, cazado morador na Carnaúba, forão padr.^{os} Tito, escravo de Sulpício Villar de Carvalho, cazado, morador no Bonito e Marcolina Maria da Conceição, cazada moradora no **Catolé**, todos da Freg.^{a} da V.^{a} de São João".(5)* (o grifo é nosso)

1.3-NASCE ASSUNÇÃO: BEIRANDO A ESTRADA E ESCORADA NA SERRA

Para melhor compreensão sobre a origem do conglomerado urbano que hoje é a cidade de Assunção, se faz necessário um estudo, embora sucinto, da conjuntura regional e nacional do início do século XX.

Até então, o Brasil ainda era um país agrário, não obstante o surto industrial ocorrido no Sudeste do país no final do século XIX e na década da I Guerra Mundial. O Nordeste deixara de ser o centro econômico financeiro do Brasil, cabendo a esta região o papel de produtora de bens primários e consumidores de produtos industrializados.

Além de perder posição econômica para o Centro-Sul do país, a região Nordeste entrou em pleno século XX deparando-se com uma das maiores secas de sua história, catástrofe romanceada em "O Quinze" pela escritora cearense Rachel de Queirós.

A seca sempre foi analisada pela elite e por alguns governantes, como sendo fenômeno sobrenatural, quando indiretamente se atribuem a poderes divinos suas suscitações. Ao homem parece caber as funções paliativas, acalentadoras de um mal maior.

Na Paraíba, a comunicação do Sertão com o litoral era feita em longos dias de trajetos realizados em lombos de animais por sobre caminhos pedregosos, pois o automóvel e o Sertão ainda não tinham sido apresentados.

Nesse particular, somou-se à questão da seca, algumas necessidades dos nordestinos, a exemplo de estradas de rodagens que além de facilitarem a interligação do Sertão ao Litoral traria empregos provisórios em construções dessa natureza. Daí criou-se em 1909, no governo Nilo Peçanha, a IOCS (Inspetoria de Obras Contra a Seca), na década de 20 transformado em IFOCS (Inspetoria Federal de Obras contra a Seca) com a incumbência de construir ferrovias, açudes, poços, estradas de rodagem, etc.

Decidiram, portanto, construir uma estrada de rodagem que adentrasse rasgando o Cariri e o Sertão da Paraíba. De acordo com Epaminondas Câmara, historiador de Esperança radicado e

especialista em estudos sobre Campina Grande, a referida estrada deveria, partindo de Campina, tocar as povoações de Boa Vista, Gurjão, Santo André e Taperoá na direção de Passagem e Patos, até alcançar o Alto Sertão. Para ele teria sido mais proveitoso, tomando por base o numero de localidades beneficiadas.

Como sabemos, a estrada foi sistematizada em direção oposta. De Campina ela alcançou, em 1915, a povoação de Soledade. Afirma ainda Epaminondas Câmara, em seu livro "Municípios e Freguesias da Paraíba", que o argumento para o traçado desta estrada ser por ali consistiu em explicações de fins técnicos, quando na verdade atendeu-se a fins políticos, pois o chefe político dessa povoação, amigo de Cristiano Lauritzem, chefe campinense, conseguiu tal obra junto a Epitácio Pessoa que na época comandava a política paraibana junto a esfera Federal.

Na década de 20, do século XX, quando Epitácio chegara à Presidência da Republica e João Suassuna ao Governo da Paraíba, as obras contra a Seca tomaram impulso, daí, a estrada ter passado em Juazeirinho, na Serra da Viração e em Salgadinho, correndo em direção ao Sertão. Concordamos com Epaminondas Câmara quando diz que nenhuma cidade caririzeira saiu beneficiada, no entanto uma foi originada: Assunção.

Até então, a área geográfica onde atualmente encontra-se instalada esta cidade, era coberta de matos. Com o advento da estrada de rodagem, o ponto onde estava encravado a "estaca zero" passou a ser bastante movimentado, pois ali passavam carros vindos de Livramento e Taperoá bem como do Sertão, conduzindo passageiros e mercadorias para Campina Grande e vice-versa. Ali nasceria Assunção, construída na bifurcação da estrada e escorada na Serra da Borborema.

1.4-A LATADA E O HOTEL QUE VIRARAM CIDADE

Existem em Assunção pessoas adeptas ao Sr. José Pedro Diniz como sendo o fundador do povoado de Estaca Zero. Outros, porém, preferem citar o nome de Pio Salvador como autor da obra. Além das duas teses citadas, há outra mais preliminar aquela

que atribui a Manuel Inácio Vitorino por já possuir um casebre de taipa na beira da estrada, no qual vendia lenha.

Antes de expor a nossa concepção a respeito do assunto, preferimos citar o teatrólogo alemão Bertold Brecht, quando, em "Perguntas de um Trabalhador que Lê," questiona o fato de acharmos que a história é feita apenas por "grandes homens". Daí podemos inferir que o autor critica o "heroísmo" de alguns "vultos", cuja individualidade jamais construiria a história. Essa tendência de heroicizar personagens com atributos que lhes rendem lugar de destaque na história da humanidade já está sendo suplantada pela historiografia crítica que valoriza o conjunto da sociedade em detrimento de algumas personalidades.

Dessa forma, concluímos que a origem da cidade em estudo está intrinsecamente ligada às chegadas de todas as pessoas que para ali vieram, colaborando juntamente aos que nas imediações já residiam para a construção da história da então Estaca Zero.

A formação urbana se principiou em 1939 quando José Pedro Diniz, até então morador do sítio Embocadura, no município de Taperoá fugira de uma pendenga com o Sr. Pedro Pimenta e viera se instalar no sítio Capim Açu, imediações da atual cidade de Assunção.

Ali montou roça cujo produto destinava-se abastecer uma latada que construíra no triângulo onde encontrava se uma estaca com o marco zero, o início do ramal da estrada que seguia a direção de Taperoá. Relembra-nos sua filha Dona Corina, em entrevista, que da própria estaca ao centro do triângulo ele montou a estrutura da barraquinha. Deixemos o próprio José Pedro contar:

> *"No centro do triangulo fiz um barracão com cinco metros quadrados coberto com lona, debaixo fiz prateleiras com pedras conforme abaixo (feito em diâmetro).*
> *Em cima dessas prateleiras colocava-se as frutas: girimum, melancia, melão, batata doce; esta da minha roça e pinha, goiaba e manga que vinham de fora".(6)*

Como podemos notar, Assunção é um caso peculiar no contexto das origens de municípios caririzeiros. Isso porque, enquanto nesses a fazenda de gado foi o âmago sob o qual arrimava-se a ocupação territorial e dali surgiriam as atuais cidades, o povoado de Estaca Zero tem suas origens relacionadas à estrada que ligava Campina ao Sertão, no ponto do ramal de Taperoá, justamente onde fora construída a barraca de José Pedro Diniz. Destarte, a eclosão do arruado de Estaca Zero está ligada ao comércio, que por sua vez estava ligado à agricultura, diferenciando-se assim, da maioria dos municípios do Cariri.

O citado ponto comercial passou a ser uma parada quase que obrigatória para os transportes que transitavam naquela estrada. Em função deste, foi erigida a primeira edificação do lugar, a casa de tijolos de Pio Salvador de Maria. Até então ele morava no sítio Serra, município de Taperoá, tendo muitas vezes passado pela estrada no ponto onde nasceria Estaca Zero. Sentiu-se interessado em residir naquele lugar e para tanto conseguiu, por doação do Senhor Jaime Ferreira, o terreno para construção de sua casa-hotel. A inauguração se deu em 1941 em meio a uma missa solene e a presença da Banda Filarmônica de Taperoá, naquela época regida pelo maestro Severino Nunes.

Daí a polêmica: quem fundou Assunção? José Pedro Diniz montou a barraca primeiro, mas Pio Salvador edificou casa primeiro. Portanto a quem cabe o mérito da fundação? Ora, Estaca Zero nasceria em cima das terras de Jaime Ferreira , Francisco Balduino e Antonio Martiniano. É tanto que o território para construção da casa de Pio Salvador foi doado pelo primeiro, enquanto o segundo fez doação para a construção da igreja. Daí, preferimos não individualizar a coisa, pois são tantos envolvidos na história que seríamos injustos em tentar favorecer alguém. Todos são importantes, já que cada um protagonizou iniciativas que culminaram com a origem da povoação.

Na nossa ótica, apesar da existência da casa de taipa de Manoel Inácio Vitorino, ela não foi propulsora da formação do conglomerado urbano, o que não desmerece a participação dele como sendo também responsável pela construção da história de Estaca Zero.



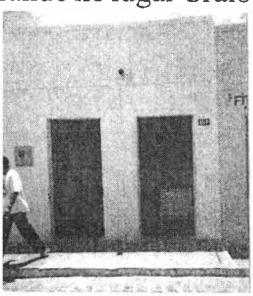
José Pedro Diniz e Rita José Diniz



Pio Salvador de Maria e Joana

1.5 - PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

A partir de então, o progresso é iniciado. Ainda na década de quarenta nos arredores do hotel-casa pertencente ao senhor Pio Salvador de Maria, novas construções foram edificadas, uma delas foi a residência de José Pedro Diniz, no ano de 1943, de acordo com o nosso entrevistado Acácio Vieira de Andrade. Nos anos seguintes a esta mesma década o crescimento habitacional se dá através das famílias que por aqui foram se instalando atraídas pelo excelente local para realizar comércio. Foram elas: família Taveira, Pereira, Vieira, Leopoldino, Balduíno, Nóbrega, Amaro, que ao nosso ver ampliaram o processo de fundação deste município. Os Amaro e Taveira eram moradores do padre Francisco Torres, na fazenda Riacho Escuro, em Taperoá. Daí, compraram pequena extensão de terra e vieram morar nas imediações da atual Assunção (Cajazeiras). A família Vieira adveio do sítio Timbaubeira para possuir a Canoa, em 1926. Em 1913 localizamos documentos referentes a família Balbino Santos morando no lugar Craibeira.



Casa de Pio Salvador (a primeira)



Casa de José Pedro Diniz (a Segunda)

Em 1949 o prefeito Mandú Farias adquiriu por compra ao senhor Francisco Balduíno um terreno destinado a ampliação da povoação. Rapidamente forma-se um povoado que é chamado de Estaca Zero. No início da década de cinqüenta, as pessoas do povoado sobreviviam do comércio e da agricultura e as suas noites eram iluminadas pelos candeeiros a gás querosene. Todavia, em 1958 o povoado ganha a maior novidade da época, a iluminação com energia gerada por um motor que funcionava das 18 às 22 horas. O benefício que chega através do prefeito de Taperoá Manuel de Farias Souza (Mandú), restringia-se somente ao povoado, não se estendendo até a zona rural de qualquer forma, já representava um grande avanço.

Na gestão de Adeodato Vilar o povoado ganha as duas primeiras obras públicas, a Escola Elementar de Estaca Zero (1954) e o Mercado Público Municipal, construído em 1955. O mercado ampliaria a feira que havia se formado em 1951 num galpão que foi construído pelo então prefeito de Soledade Jaime Ferreira.

Um ano após a inauguração do mercado é construído o prédio da Igreja Católica, em 1956, cujo histórico veremos nos capítulos seguintes. Esse desenvolvimento possibilitou que o povoado passasse para categoria de distrito no ano de 1959, através do deputado estadual José Ribeiro de Farias e é fundado, também neste mesmo ano o Cartório Distrital de Assunção.

A década de cinqüenta chegava ao fim marcando o crescimento e a transição de povoação para distrito.

O crescimento do povoado que agora se tornara distrito, logo passa a despertar interesses políticos por parte José Ribeiro de Farias e Manuel Marcionilo, dois grandes rivais políticos da cidade de Taperoá-PB a quem pertencia parte do distrito. Desta forma, o ínicio da década de sessenta é marcada pelos interesses desses políticos nesse distrito, já que perderam o de Livramento, emancipado em 1959.

1.5.1-A CONSTRUÇÃO DO CEMITÉRIO

Anterior à década de 50, quando não havia sido ainda

implantado o campo santo da povoação de Estaca Zero, as pessoas eram sepultadas nos cemitérios das cidades de Juazeirinho, Junco, Taperoá,Gurjão, etc.

Entretanto, o crescimento do arruado fez por merecer do vereador Manuel de Farias Souza (Mandú) requerimento impetrado na Câmara Municipal de Taperoá autorizando o poder executivo a construir o cemitério da Vila de Assunção. Eis o teor documental:

"CÂMARA MUNICIPAL DE TAPEROÁ

Autoriza o poder Executivo Municipal a construir um cemitério no povoado de Estaca-Zero deste Município.

O Vereador abaixo assinado, acobertado pelo art. 53, nº 1, da Lei nº 321, de 3 de janeiro de 1949 "Da nova organização dos Municípios" vem perante essa Câmara, requerer que seja aprovado o seguinte:
1º - Em virtude de ter sido desapropriado um terreno no lugar Estaca-Zero deste Município, pela Prefeitura Municipal, deste à construção de Prédios, para a criação de uma vila, com o fim de desenvolvimento desta Comuna.
2º - Verificando que já existe ali um grande número de habitantes necessitando da construção de um cemitério público, para as suas comunidades.
3º - Logo que seja aprovado por esta Câmara, subo imediatamente a sanção do Senhor Prefeito Municipal, para os devidos cumprimentos.

Câmara Municipal de Taperoá, em 3 de janeiro de 1952.
aa. Manuel de Farias Souza Vereador (7)

O requerimento do parlamentar não surtiu efeito positivo frente à possível execução pelo prefeito de Taperoá Adeodato Vilar. Assim sendo, a comunidade de Estaca Zero continuava

enterrando seus mortos em cemitérios de cidades vizinhas.

Passada essa gestão, retornara Mandú Farias aquela edilidade para concretizar o requerimento de 52, quando vereador. Em 1958 fundava o campo santo daquela povoação. A primeira pessoa a se sepultar naquele cemitério foi Glória Gonçalves, do sítio Cajazeiras e o primeiro túmulo construído foi o de Rita José Diniz, em 1975.

O então vereador José Francisco Júnior apresentou Projeto de Lei na Câmara Municipal de Taperoá no qual autorizava o prefeito Aprígio Pinto construir um quarto para depósito no cemitério da vila de Assunção. O referido Projeto obteve parecer favorável em 12 de dezembro de 1961, o que podemos inferir que o mesmo se fez concluído em 1962.

Em 1985 o prefeito José Pimenta fez uma ampliação no mesmo e adquiriu um carro fúnebre que transportava os defuntos de casa para o sepulcro.

1.5.2- CARTÓRIO

O Cartório de Registro Civil do distrito de Assunção foi fundado através da Lei nº 1.954 de 17 de janeiro de 1959, assinada pelo governador Pedro Gondim. A Lei criava, no município de Taperoá, o distrito de Assunção e ao mesmo tempo instituía o Cartório Distrital, conforme rezava o Art. 2º transcrito abaixo:

> *"Art. 2º - Fica criado, no Distrito de Assunção, um cartório do Registro Civil de Pessoas Naturais, na forma da Lei (...).*
> *Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, 17 de janeiro de 1959, 71º da Proclamação da República.*
>
> *Pedro Gondim.(8)*

A instalação do Cartório se deu apenas em fevereiro do referido ano pelo Juiz Suplente em exercício na comarca de Taperoá, Israel Vilar. O primeiro escrivão foi Jones Anselmo Costa, trazido pelo deputado José Ribeiro da cidade de Taperoá. Esteve nessa função durante todo ano de 1959.

Em 5 de julho de 1960 a escrivã passou a ser Teresa Neves de Sousa (Têca), cargo ocupado até 21 de agosto de 1991 quando passou a Maria da Salete Batista, atual escrivã. Esta foi nomeada mediante Portaria nº 011/91 de 8 de dezembro de 1991, expedida pelo Dr. Fernando Brasilino Leite, Juiz de Direito Substituto em exercício da Comarca de Taperoá

1.5.3 1964: O DISTRITO SE TORNA CIDADE.

Em 1964, um outro acontecimento ficaria na memória do povo do distrito de Assunção. A elevação do mesmo à categoria de cidade, que segundo os depoimentos de todas as pessoas entrevistadas sobre esse assunto, se deu por intermédio de Manoel Marcionilo através do deputado estadual Egídio Madruga. Seria esta a década mais importante da história deste lugar, não fosse o acontecimento dos anos de 1965, que estudaremos a seguir.

1.5.4 - 1965: A VOLTA À ESTACA ZERO

Neste ano, em Assunção acontece fato que mudou os rumos da história de seu povo. Portanto, por intermédio de um Mandado de Segurança, Assunção cai da condição de cidade e volta a ser distrito de Taperoá e Juazeirinho, respectivamente, quando já se encontrava com o município instalado pelos dois poderes: Executivo e Legislativo. Abrindo assim a página mais negra e mais triste da sua história. Para muitos, embora o distrito continuasse se chamando Assunção teria voltado à ESTACA ZERO.

1.5.5 - 1965 à 1983: O PROGRESSO CONTINUOU

Apesar do acontecimento de 1965 que jamais será esquecido por todos desta terra, o progresso continuou. Neste mesmo ano o distrito ganha de presente a energia elétrica trazida pelo governador João Agripino, através do político taperoense Manoel Marcionilo. Houve uma grande festa de inauguração, com presença do governador, do chefe udenista de Taperoá e de José Pedro Diniz que juntamente com o governador ligou pela primeira vez a chave geral da energia elétrica. Esta compensou um pouco a

tristeza do povo, que passou a ter uma vida mais feliz e comunicativa com uso do rádio e da televisão.

Em 1970 o povo de Assunção pode ver pela primeira vez na televisão a Copa do Mundo de Futebol, e melhor, pode ver a seleção brasileira sendo tri campeã do mundo na copa do México. Ainda neste ano é finalizada pelo então prefeito de Taperoá, Manoel Marcionilo, a obra da lavanderia pública municipal inaugurada em presença do Governador João Agripino, do prefeito de Taperoá, entre outras autoridades. Na mesma oportunidade era inaugurado também o sistema de abastecimento de água vindo do sítio Olho D'água da Viração no Município de Salgadinho/PB, obra conseguida pelo então deputado Egídio Madruga.

Em 1972, é construída a Escola Municipal de primeiro grau "Jaime Ferreira", na administração do prefeito de Taperoá Manoel de Assis Melo (Manoel Marcionilo). Esta, assim como a Estadual, atendia de 1ª à 4ª séries.

Nesta mesma década o prefeito José Ribeiro construiu o posto médico da vila de Assunção.

Quatro anos depois, em 1976, é fundada a terceira escola e segunda Municipal, que recebe o nome de "João Rogério Dias de Tolêdo", esta ainda não funcionava no prédio atual, isso só veio a acontecer anos seguintes, através do prefeito José Vilar. A escola era responsável somente pelo ginásio, o equivalente hoje, ao fundamental II. Em 1978, graças ao empenho do governador Dorgival Terceiro Neto, passava o asfalto em Assunção, advindo da Barra em direção a Teixeira.

Celso Mariz assim descreveu Assunção no final dos anos 70:

> *"Tomando carreira de Campina, ganha-se em quartos de fora, além de Soledade e Joazeirinho, as vilotas que a rodagem criou, de Barra e Estaca Zero, para vir ver Taperoá"(9)*

Contudo, seria nos anos oitenta, que Assunção tomaria dimensão maior na sua estrutura urbana, visto não passar de vilota até então, como observara Celso Mariz. Nos dois anos da gestão do interventor José de Assis Queiroz, em Taperoá (1980/1982), foi construído o parque infantil, e o escritório da Sub-Prefeitura.

1.5.6 - 1983. NO BRASIL, A ESPERANÇA DO FIM DA DITADURA; NO DISTRITO, A LONGA GESTÃO DO GOVERNO JOSÉ PIMENTA. 1983/1988.

Neste período governava o Brasil o general João Figueiredo, quando o regime militar estava entrando para seus vinte anos de existência com desgaste total. O presidente Figueiredo recebia pressões por parte dos mais diferentes setores da sociedade, estudantes, professores, advogados, médicos, agricultores, operários, sobretudo os do ABC paulista que eram liderados pelo atual Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, além da atuação do PMDB que na Paraíba era liderado pelo senador Humberto Lucena e no Brasil pelo ilustre político Ulysses Guimarães, todos queriam ver o fim da ditadura Militar.

Enquanto isso chegava ao poder municipal na cidade de Taperoá o senhor José de Assis Pimenta, que ampliaria bastante o progresso de Assunção. Foi em sua gestão de seis anos que o distrito mais cresceu. Realizou aqui as seguintes obras:

- Sinal de televisão com o prédio apropriado.
- Posto da Telpa
- Cadeia e Delegacia
- Clube Municipal
- Creche Rita José Diniz
- Cisterna do colégio João Rogério.
- Ampliação do Cemitério.
- Ampliação da Escola "Jaime Ferreira" com a construção de duas salas de aulas, banheiros e cozinha.
- Aquisição de um carro fúnebre.
- Compra de um serviço de som e de trinta mesas e cadeiras para o clube.
- Construção de uma mini rodoviária.
- Um pavilhão permanente doado para a festa da Padroeira do distrito, Nossa Senhora da Assunção.
- Construção de dois sanitários públicos.
- Doação de terreno para população sem teto

As obras realizadas pelo prefeito José de Assis Pimenta foram alguns anos depois fator fundamental para a segunda emancipação da cidade, em 1994, como veremos no próximo capítulo.

Nas eleições de 1988, a cidade de Taperoá elege o tenente Luiz José Monteiro de Farias (Lula), que assumiu o cargo em janeiro de 1989, como primeiro prefeito eleito da cidade na nova democracia do Brasil. As obras da sua administração também chegaram até o distrito, que ganhou o calçamento da rua Tereza Balduíno da Nóbrega, na época, rua do comércio, e na mesma realizou posteação. Estadualizou e fundou o segundo grau na Escola Estadual "João Rogério", realizando também uma reforma na referida escola.

1.5.7 - FINAL DOS ANOS 80, PARA ÍNICIO DOS ANOS 90, A PARTICIPAÇÃO DE JUAZEIRINHO NO DISTRITO.

Neste período o prefeito Januário Cordeiro de Azevedo (1982-1988) da cidade de Juazeirinho, a quem também pertencíamos, realizou obras de calçamento em algumas ruas do antigo bairro das Areias, atualmente bairro João Martiniano dos Santos. Na administração de Pedro Paschoal (1989-1992) foi construída uma escola na sede do distrito, Escola Municipal "Alfredo Elias dos Santos", que atendia de 1ª a 3ª séries, onde hoje funciona a unidade de ensino e creche municipal "Rita José Diniz".

Estas obras marcaram a tímida participação das administrações municipais de Juazeirinho no distrito de Assunção, que foram quase sempre representadas pela família Marinheiro.

1.6-UMA ESTRADA, DOIS DISTRITOS, DOIS MUNICÍPIOS.

A atual rua Tereza Balduíno da Nóbrega está construída sobre a antiga estrada das "obras contra Seca". A povoação que se formou em ambos os lados da mesma ficara pertencendo a dois municípios: ao norte, Soledade e depois Juazeirinho, quando emancipado; ao sul, Taperoá.

Em 16 de maio de 1950 o governador Osvaldo Trigueiro assinou o Decreto nº230 criando o distrito de Estaca Zero, pertencendo a Juazeirinho, ficando a parte que pertencia a Taperoá, sem essa categoria. Apenas em 17 de janeiro de 1959 o governador Pedro Gondin sancionou a Lei Nº1954 na qual a parte sul da estrada ascendia ao status de distrito de Taperoá. Destarte, até 59 apenas uma banda da cidade em estudo era distrito enquanto a outra continuava simples povoação.

Outra curiosidade digna de registro consiste na questão toponímia. O distrito do norte da estrada denominava-se Estaca Zero, enquanto o do sul, a partir de 1959 passou a chamar-se Assunção.

Como vimos a estrada separava dois distritos e concomitantemente dois municípios. Por essa situação aconteceu que José Pedro Diniz sendo nomeado 1° suplente de delegado de Polícia pelo município de Soledade em 1957 e no mesmo ano subcomissário de Polícia de Juazeirinho, após emancipação, tinha como tarefa zelar pela segurança do distrito norte. No entanto, alguns bagunceiros após desmandos, ultrapassavam a estrada buscando refúgio no distrito sul, onde a autoridade do subcomissário não podia atuar. A solução sobreveio mediante Portaria de 03 de março de 1961 quando José Pedro fora nomeado subcomissário do município de Taperoá, cobrindo assim os dois distritos.

Em 1990, quando o Prefeito de Taperoá Lula de Mandú, objetivando o calçamento da referida rua, buscou parceria junto a Prefeitura de Juazeirinho uma vez que a mão da estrada pertencia ao distrito de Taperoá e a contra mão ao de Juazeirinho. Ocorre que o Prefeito Pedro Pascoal não se empenhou no sentido de concretizar uma parte da obra, tendo o prefeito taperoaense calçado o lado sul da rua ficando o norte em pleno barro.

Outra curiosidade ocorreu em 1993 quando dos preparativos para a emancipação política dos dois distritos. Para cumprir os requisitos exigidos para ascensão à categoria de cidade se fez necessário a união de ambos tendo o prefeito de Juazeirinho abdicado Estaca Zero para se juntar a Assunção a fim de unificar os distritos para que se formasse a sede do novo município. A

propósito vejamos um trecho da Declaração assinada pelo referido prefeito em 13 de Julho de 1993:

> *"A união de Estaca Zero a Assunção tornará esse povoado dotado de todas as exigências estabelecidas para um Distrito se tornar cidade. O Município de Juazeirinho se dispõe decisivamente a ceder sem nenhuma restrição toda, área territorial como também imóveis existentes nesse povoado.*
> *Juazeirinho PB, 13 de julho de 1993*
> *Francisco Antônio da Nóbrega*
> *Prefeito Municipal"(10)*

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DE ASSUNÇÃO

2.1- REDEMOCRATIZAÇÃO (1945 1964)

Quando em 1945 o mundo assistia às derrotas nazi-fascistas na II guerra Mundial, a ditadura Varguista no Brasil mostrava-se corroída pelas suas próprias contradições. Getúlio Vargas enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar contra as forças fascistas italianas, contribuindo sobremaneira para a decadência do totalitarismo naquele país. Entretanto, a contradição reside no fato do Brasil ter ajudado a dirimir lá fora um tipo de ditadura que possuía aqui dentro.

Vargas, acorrentado nas suas próprias armadilhas, não tinha mais como continuar. A pressão pelo fim do Estado Novo levou setores militares a depor Getúlio do governo que ocupava há quinze anos.

Com a extinção da ditadura, iniciou-se a reorganização do aparato institucional necessário do advento da Democracia Liberal Brasileira. Acabou-se a censura, foram marcadas eleições, convocada a Assembléia Nacional Constituinte, responsável pela promulgação da Constituição de 1946, tudo baseado no pluripartidarismo.

De acordo com o sociólogo francês Jean Blondel, na Paraíba, a UDN era um partido ligado ao coronelismo interiorano, enquanto PSD representava a classe média, os intelectuais e setores ligados à indústria, com base representativa na área litorânea. O udenismo paraibano liderado por José Américo e Argemiro de Figueiredo nasceu triunfando do Governo Estadual ao Congresso Nacional.

O município de Taperoá, portanto, é a exceção da regra geral citada por Blondel. O PSD Taperoaense comandado por José Ribeiro de Farias sobressaiu-se perante a UDN comandada pelos Vilar-Queiroz-Simões, durante todo período da democracia populista Além de não perderem jamais a cadeira de prefeito,

os pessedistas tiveram em José Ribeiro uma liderança na Assembléia Legislativa da Paraíba, eleito três vezes consecutivas deputado estadual. Os udenistas por sua vez tiveram em Lucas Vilar Suassuna e posteriormente em Egídio Madruga a sua representação na casa de Epitácio Pessoa. Este chegou a Presidência daquele parlamento.

As hostilidades políticas partidárias dos municípios sedes tiveram suas repercussões no povoado filho. Os pioneiros José Pedro Diniz e Pio Salvador de Maria, além de José Francisco Júnior, João Evangelista Correia, Jaime Ferreira e Balduino Balbino dos Santos, lideravam o PSD e apoiavam José Ribeiro em Taperoá e Severino Marinheiro em Juazeirinho. Por outro lado João Martiniano dos Santos comandava a UDN, apoiando "Manoel Marcionilo" em Taperoá e Genival Matias em Juazeirinho.

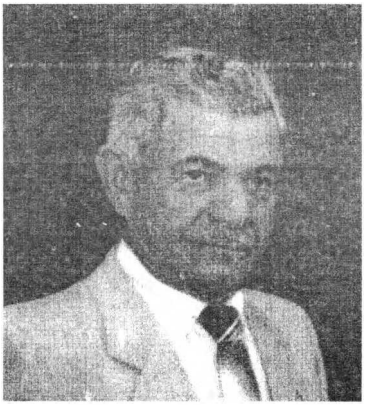
Os quatro primeiros citados anteriormente são naturais do município de Taperoá e quando vieram morar em Estaca Zero trouxeram suas concepções políticas formadas naquele município. Todos são filhos de seguidores da facção política iniciada pelo Dr. Félix Daltro e continuada por Irineu Rangel e José Ribeiro de Farias.

Em 1947 ocorreram eleições municipais em todo país. Nessa época Estaca Zero pertencia ao município de Soledade. Daí saiu candidato a vice-prefeito daquele município, Jaime Ferreira Tavares, pelo Partido Social Democrático (PSD).Enfrentou a candidatura de Tarjino Pires da Nóbrega, da União Democrática Nacional (UDN). O pessedista foi o vitorioso do pleito. Dessa forma, afirmamos ter sido Jaime Ferreira o primeiro assunçãoense a ocupar mandato eletivo.

Ocorre que o prefeito vitorioso, da UDN, faleceu em 19 de janeiro de 1951, quando faltava um ano para completar o mandato. Assumiu interinamente a prefeitura o presidente da Câmara, logo passando o cargo para o vice-prefeito Jaime Ferreira que completou o quatriênio como prefeito de Soledade. Destarte, aquela edilidade deixara de ser governada pela UDN para ser dirigida pelo PSD.



Jaime Ferreira(PSD)



João Martiniano dos Santos (UDN)

Os líderes pessedistas de Taperoá e Juazeirinho, além de fiéis seguidores políticos, eram amigos pessoais do chefe estadual do partido, o senador Rui Carneiro. Antonio Carneiro Arnaud, biografando Rui para a série "Paraíba: Nomes do Século", escreveu:

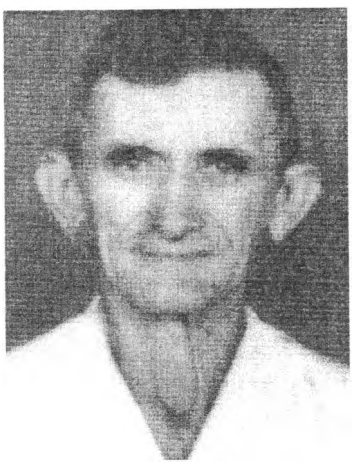
> *"Rui Carneiro, durante toda a sua vida, primou pela lealdade aos amigos, que os considerava preciosos. (...) Em Juazeirinho visitavam os familiares de Severino Marinheiro e em Santa Luzia era indispensável cumprimentar o velho amigo Chico Vicente. (...) É oportuno citar José Gaioso, os irmãos José e João Fernandes de Lima, Abelardo Jurema, Alvino Pimentel... José Ribeiro de Farias..."* (11)

Assunção enquanto distrito de dois municípios de tradições pessedista seria, naturalmente, influenciado pelas lideranças políticas dos municípios sedes. Estivemos observando os resultados eleitorais arquivados no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) da Paraíba e constatamos a proeminência do PSD de José Ribeiro em Taperoá e a família Pascoal / Marinheiro em Juazeirinho.

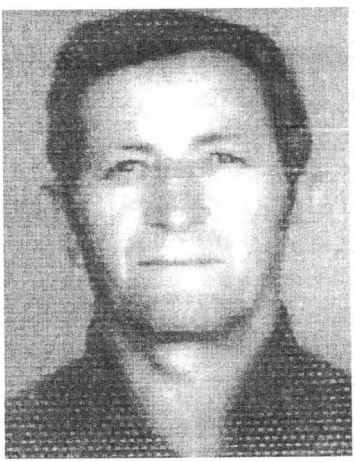
Em 1959, pela primeira vez, ocorreram candidaturas de

Pioneiros assunçãoenses a cargos eletivos às duas Câmaras dos municípios mãe. Para a de Taperoá disputou José Francisco Júnior (PSD), logrando 134 votos. A UDN lançou mão do nome de José Pedro Diniz que obteve 88 votos, não conseguindo se eleger. Ele sempre acompanhara José Ribeiro, porém, em 1955, quando o prefeito de Taperoá Adeodato Vilar começou a cobrar impostos de feireiros que vendiam no galpão construído pelo prefeito de Soledade, este, insatisfeito passou para a UDN comandada por Manoel de Assis Melo (Manoel Marcionilo). Para a de Juazeirinho se fez concorrente Heleno Rufino de Carvalho (PSD) conseguindo apenas 17 votos, insuficientes para assumir vereadoria.

Não obstante a derrota citada podemos afirmar que o PSD também nascera forte nos distritos, visto a vitória do primeiro.



José Francisco Júnior (PSD)



João Evangelista Correia (PSD)

Nas eleições municipais de 1963, quando os dois chefes políticos de Taperoá enfrentaram-se em acirrada disputa, apareceu um novo nome udenista no combate ao pessedismo de Assunção. Nos referimos a João Martiniano dos Santos (Joca Grande), candidato a vereador por Taperoá, em contraposição a candidatura de José Francisco Júnior, que aspirava reeleição pelo PSD.

O pessedismo mostrava-se mais uma vez hegemônico em Assunção. O candidato por esse partido logrou 188 sufrágios

contra 139 do postulante da UDN, muito embora ambos tenham sido eleitos vereadores.

QUADRO I

ELEIÇÃO PARA CÂMARA MUNICIPAL DE TAPEROÁ				
ELEIÇÃO	CONCORRENTES	PARTIDOS	VOTOS	RESULTADO
1959	José Francisco Júnior José Pedro Diniz	PSD UDN	134 88	eleito não eleito
1963	José Francisco Júnior João Martiniano dos Santos	PSD UDN	188 139	eleito eleito

Fonte: Arquivos do TRE

2.2-DITADURA MILITAR (1964 1984)

No início dos anos 60 o Brasil vivenciava momentos de turbulências políticas e sociais. As agitações tomaram conta do campo e da cidade, chegando a assombrar a elite temerosa à instalação do Socialismo em nosso País. A renúncia do presidente Jânio Quadros assolou as desconfianças desta para com o vice-presidente João Goulart que na oportunidade encontrava-se visitando a China Comunista. Mesmo assim "Jango" foi empossado, não obstante as articulações que culminaram com o regime parlamentarista. De forma efêmera, o Parlamentarismo cedeu lugar à volta do Presidencialismo. "Jango", para deter o avanço da crise sócio-econômica brasileira, anunciou as Reformas de Base, incluindo A Reforma Agrária, a gota d'água para a sua deposição. Em 31 de março de 1964 se iniciava a ditadura militar no Brasil.

A partir de então o Brasil passava a ser o cenário de prisões, torturas, exílios, censuras e cassações. Em 1965 ainda realizaram-se eleições com os partidos da Democracia Populista; no entanto, a derrota da direita implicou no Ato Institucional nº02 que extinguiu constelação partidária da Redemocratização, criando assim o bipartidarismo

Na Paraíba, contrariando a situação Nacional, a UDN/PDC albergaram-se na ARENA governista, ao passo que o PSD e PTB rumou para o MDB (oposição).

Em Taperoá, José Ribeiro adepto às raízes do pessedo-ruísmo, passou a comandar o MDB, da mesma forma que Manoel Marcionilo, ligado no udeno-agripinismo, liderava a ARENA.

PRIMEIRA EMANCIPAÇÃO

Na década de 60, de acordo com estudos de Celso Mariz, ocorreu uma avalanche municipalista mediante considerável número de Projetos de Leis apresentados por diversos deputados, favorecendo distritos onde tinham atuação com vistas à emancipação política.

Assunção se enquadrou nesse contexto por intermédio dos chefes udenistas de Taperoá, a exemplo de Manoel Marcionilo e do ex-deputado Egídio Madruga. Deixemos o próprio Celso Mariz falar:

> *"Em 1964 foram criados apenas quatro municípios (...) Além desses municípios foi criado o de Assunção pela lei nº 3.182 de 27 de julho de 1964 projeto do Deputado Egídio da Silva Madruga. Esse município teve a sua instalação prejudicando em virtude da decisão do Supremo Tribunal Federal que declarou a inconstitucionalidade da mencionada lei"(12)*

Peçamos vênia para discordar de parte da citação de Celso. O município de Assunção chegou a ser instalado, tendo José Pedro Diniz (UDN) sido nomeado em 1964, por Pedro Gondim, prefeito interino da nova cidade. Dessa forma, o que houve, em verdade, foi a supressão da categoria conseguida. Contudo, isso se deu após meses de funcionamento das instituições municipais.

Em 10 outubro de 1964 realizou-se a primeira eleição municipal da nova cidade. O nome mais cotado para prefeito pelos lados do PSD era o de Heleno Rufino, porém, preterido pelo chefe José Ribeiro que optara por Djair Moraes, de Salgadinho, casado com uma parenta sua. Inconformado com tal rejeição, Heleno foi lançado candidato a prefeito pela UDN, com o apoio de Manoel Marcionilo.

Para o posto de vice-prefeito a disputa esteve polarizada em torno das candidaturas de João Evangelista Correia (PSD), seguidor de Zé Ribeiro e José de Melo Ferreira (PDC), o candidato do gondinismo.

Naquela época o eleitor podia votar no prefeito e no vice separadamente. Podia, entretanto, escolher um candidato de um partido e o outro de outro. Foi o caso desse pleito. O candidato a prefeito pela UDN vitoriou sobre o do PSD ao passo que o vice pelo PSD venceu o do PDC na época aliado à UDN, por 205 votos contra 152.

Para a Câmara Municipal venceram: Acácio Vieira de Andrade(UDN) , Genival Gonzaga de Lima (UDN), Jaime Correia (PSD), Jonas de Oliveira Correia (PSD), João Martiniano dos Santos (UDN), Mário Jorge de Oliveira (PSD) e Teodomiro Salvador de Assis (PSD).

Após a perda da eleição e os atritos com Heleno Rufino, o prefeito José Ribeiro encontrou brecha na lei que assegurou a emancipação, e, no entanto, entrou com um Mandado de Segurança no Supremo Tribunal Federal alegando que a Câmara Municipal de Juazeirinho não havia assinado a permissão para a independência do distrito que lhe pertencia.

Assunção já era cidade há onze meses. A Prefeitura funcionavam na atual garagem da casa de Dinamérica de Souza Leal e a Câmara onde hoje é a garagem de Flávio Guimarães (FALA). O prefeito já havia iniciado a construção do meio fio da rua principal. No entanto, a justiça acatou o pedido de Zé Ribeiro e o município voltara a ser distrito de Taperoá e Juazeirinho, respectivamente.

Em 1968, João Martiniano, agora albergado na ARENA e José Francisco Júnior no MDB repetiram a disputa de 63, com vistas a vagas na Câmara Municipal de Taperoá. Ambos se elegeram, porém, o emedebismo obteve 210 votos contra 176 da ARENA. Daí concluímos a fortaleza da liderança de José Francisco que a cada eleição incrementava a margem de votos.

Nesse ano aconteceu fato inédito na política de Taperoá. Desde 1947, quando passou a comandar o PSD taperoense, Zé Ribeiro não perdia uma eleição para prefeito. Mas como para tudo

tem a primeira vez, a sua primeira derrota se deu naquele momento. Com a vitória de Manuel Marcionilo (ARENA). João Martiniano tornou-se o primeiro assunçãoense a integrar a Mesa Diretora da Câmara Municipal de Taperoá, tornando-se 2° Secretário nos biênios 69/70 e 71/72.

Mesmo assim não se beneficiou da gestão Marcionilo. O próprio prefeito arenista não conseguiu manter-se no poder por mais de quatro anos, visto que em 1972 José Ribeiro o reconquistava tornando-se prefeito pela segunda vez.

Nesse ano eram quatro chapas disputando aquela Prefeitura: Odo Vilar ARENA 1; José Vilarim Meira ARENA 2 tendo como vice o assunçãoense Luiz Pedro; José Ribeiro de Farias MDB 1 e o assunçãoense José Francisco Júnior MDB 2. Nesse particular, era permitido somar os votos das duas sub-legendas do mesmo partido, evidentemente para beneficiar a candidatura 1. Realizada a adição dos votos da ARENA resultou em 2008. No tocante aos do MDB, Zé Ribeiro faturou 2475 e José Francisco 118, totalizando 2593 suficientes para vencerem a ARENA.

Com a saída de José Francisco que se candidatara a prefeito, o MDB lançou mão do nome de João Evangelista Correia para Vereador. A ARENA também inovara, com a candidatura de Acácio Vieira Andrade em substituição ao já vereador João Martiniano. O candidato emedebista obteve larga votação: 332 votos contra 148 do arenista, total insuficientes para se eleger. Desta feita Assunção só teve um representante no Parlamento taperoense: João Evangelista Correia que exerceu a vice-presidência da Câmara no biênio 73/74 e a segunda secretaria no biênio 75/76.

Como podemos notar, o MDB de Assunção era tão imponente quanto o dos municípios mãe. Nas eleições de 1978, mais uma vez se impôs com relevante votação sobre a ARENA. João Evangelista Correia candidatou-se à reeleição e arrebatou 309 sufrágios contra 227 de Antonio Martiniano, filho do líder João Martiniano, ficando o candidato arenista em condição de suplente de vereador.

Em 1982 ocorreram eleições diretas para governadores, deputados, senadores, prefeitos e vereadores. Era o lento início do

UFCG - BIBLIOTECA

processo de abertura política do regime militar brasileiro.

Taperoá encerrava nesse ano uma intervenção estadual que durara dois anos. A administração do interventor José de Assis Queiroz, não obstante não ter sido eleito pelo povo, aconteceu de maneira considerável, inclusive arrancando aplausos do vereador da oposição Manoel de Farias Souza (Mandú).

O governo de José de Assis, aprovado por muitos taperoaenses, conjuntamente à situação estadual nas mãos de Wilson Braga e depois Cloves Bezerra, facilitaram as coisas para que José de Assis Pimenta derrotasse o velho cacique José Ribeiro para prefeito em 1982. Esse foi um dos momentos de enfraquecimento do PMDB taperoaense, assim como o paraibano, como bem analisa o historiador José Octávio de Arruda Mello.

À Câmara Municipal se candidataram pelos lados de Assunção, João Martiniano (PDS) e Balduíno Balbino dos Santos (PMDB), o primeiro já mais experiente pois se elegeu vereador pela primeira vez em 1968. O segundo citado experimentava o primeiro gosto de uma candidatura. O pedessista venceu o peemedebista conforme o quadro abaixo.

João Martiniano se tornou vice-presidente ao lado de Osvaldo Vilar no biênio 83/84, 2° secretário na chapa encabeçada por José Assis de Queiroz (Zé Curuca) no biênio 85/86 e 1° secretário com o presidente Marcos Antonio de Araújo no biênio 87/88.

QUADRO II

ELEIÇÃO PARA CÂMARA MUNICIPAL DE TAPEROÁ				
ELEIÇÃO	CONCORRENTES	PARTIDOS	VOTOS	RESULTADO
1968	João Martiniano dos Santos José Francisco Júnior	ARENA MDB	173 210	eleito eleito
1972	Acácio Vieira Andrade João Evangelista Correia	ARENA MDB	148 332	suplente eleito
1976	Antônio Martiniano dos Santos João Evangelista Correia	PDS PMDB	227 309	eleito eleito
1982	João Martiniano dos Santos Balduíno Balbino dos Santos	PDS PMDB	363 270	eleito eleito

Fonte: Arquivos do TRE

2.3-A "NOVA" REPÚBLICA (1985 AOS NOSSOS DIAS)

Após vinte anos de ditadura militar, o Brasil voltara a ser democracia. A abertura iniciada por Geisel tomou dimensão maior com Figueiredo, pressionado por estudantes, intelectuais e partidos de oposição, protagonizando-os o movimento das Diretas já.

Em 1979 foi formalizado a reforma partidária acabando o bipartidarismo e fazendo surgir o pluripartidarismo. A ARENA transformou-se em PDS, o MDB em PMDB, além do advento dos PT, PTB, dentre outros.

Na Paraíba, assim como no município de Taperoá, houve nesse momento mais uma transferência de siglas do que mesmo de ideologias. Até porque as lideranças se sobrepunham sobre qualquer ideologia e até sobre as próprias siglas partidárias.

Os historiadores José Luciano e Faustino Neto, em estudo intitulado "Os Filhos de Zé Ribeiro no Comando do PMDB de Taperoá", analisam a questão política taperoaense nesse momento como um simples continuísmo de duas grandes lideranças que hostilizaram-se politicamente durante a segunda metade do século XX, sempre em partidos opostos e acompanhando a situação estadual.

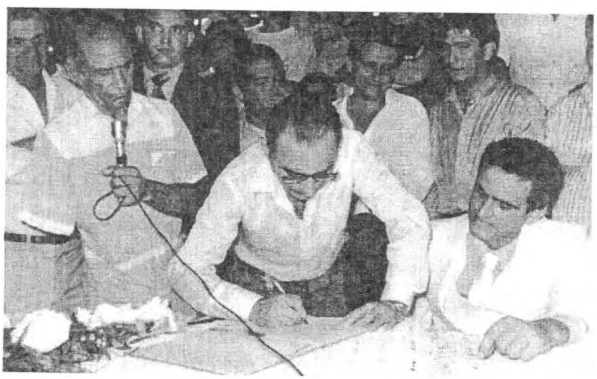
Coube a Zé Ribeiro o comando do PMDB e a Manoel Marcionilo o do PDS, segundo a rival seqüência histórica UDN/PSD, ARENA/MDB e PDS/PMDB.

Governava Taperoá em 1985 o prefeito José de Assis Pimenta (PDS) com administração operante no distrito de Assunção. O investimento naquele distrito poderia render-lhe posição de prestígio político nas futuras eleições. E o futuro chegara.

Em 15 de novembro de 1988 ocorreram eleições municipais em todo país. Para sucedê-lo na Prefeitura de Taperoá, Zé Pimenta apoiou o candidato da coligação PDS/PL, o advogado e ex-interventor municipal José de Assis Queiroz. O candidato da oposição (PMDB) apoiado por José Ribeiro era o tenente do Exército Luiz José Monteiro de Farias (Lula). "Era a campanha do Tenente contra o Doutor".

Lula fez uma campanha na base do convencimento do eleitorado, mostrando sua plataforma de governo em reuniões públicas. Em Assunção, numa dessas aglomerações sua esposa Socorro Tolêdo, acompanhada do líder político local Balduíno Balbino, teve seu palanque apedrejado, tal a insatisfação de alguns com a candidatura oposicionista.

Na apuração, o esquema pedessista vendo que não haveria chance de derrotar o peemedebista na sede apelava para a abertura das urnas do então distrito. Quando aberta a primeira delas dando a vitória a Zé de Assis a animação tomou conta do grupo por parecer que o resultado se repetiria no restante. Porém, computadas na sua totalidade Lula derrotou Zé de Assis em Assunção por uma maioria em torno de vinte votos.



Balduíno e João Martiniano (à esquerda)na posse do prefeito "Lula de Mandú", em Taperoá.

O primeiro assunçãoense a ocupar a presidência da Câmara Municipal de Taperoá foi o vereador Balduíno Balbino dos Santos, eleito para o biênio 89/90. Não seria ele o candidato do prefeito Lula, e sim, Adriano Monteiro de Farias, o mais votado naquele pleito e irmão do referido prefeito. Porém, a irredutibilidade de Balduíno no que concerne à exigência daquele posto, diante de simples maioria que Lula detinha fez com que ele fosse aceito pelo partido.

A reunião para a escolha ocorreu na casa do prefeito Lula em meio a diversos tipos de acordo. Chegaram a um denominador comum quando o próprio Balduíno lançou a proposta de ser o

presidente e Adriano o vice, de modo que após um ano renunciaria para este assumir a presidência da Casa.

Dessa forma foi encaminhada à votação sendo aprovada por seis votos a três. Lula tinha apenas cinco parlamentares em sua bancada, mas seu candidato saiu vitorioso com mais um voto, o do vereador do PDS João Martiniano que a pedido do prefeito votara no rival político em seu distrito.

Eleito, Balduíno descumpriu o acordo e não renunciou para Adriano cumprindo assim o mandato bienal. Em 1990 por ocasião de nova eleição para a Mesa Diretora, o vereador Edson Brito proferiu discurso contra Balduíno, respondido pelo próprio nos seguintes termos:

> *"Fui eleito pelo povo de Assunção e não lhe devo satisfação, durante 40 anos sustento o PMDB em Assunção e olho pela lealdade e fidelidade de muitos anos"(13)*

Em 1992, a família Balduíno Balbino, descontente com o fato de Vogel não ter sido aceito por alguns membros do PMDB local como candidato a vice-prefeito de Taperoá na chapa com Geraldo Noé, azedou o relacionamento político desta para com Lula de Mandú, herdeiro de Zé Ribeiro no comendo da política taperoaense.

Para completar a insatisfação Lula lançou Lindoval como candidato a vereador pelo PMDB gerando um disputa interna dentro do partido, pois Balduíno também concorria ao mesmo posto e pela mesma sigla partidária. Sendo assim, além de enfrentar João Martiniano, seu histórico rival, teria ainda que travar duelo eleitoral dentro do próprio PMDB para superar os votos de Lindoval.

A despeito de sair três candidaturas no distrito de Assunção, nenhuma delas saiu malograda, sendo os três eleitos e membros da Câmara Municipal de Taperoá para quatriênio 93-97. Um dos fatores que propiciou essa vitória tripla foi o aumento de nove para onze vagas naquele parlamento municipal. O resultado do pleito contido no quadro abaixo reproduz o poderio do PMDB

assunçãoense, apesar das rivalidades que no futuro geraria divisão, a exemplo do que ocorreu no Estado.

Em 1° de Janeiro de 1993 os três vereadores de Assunção participaram da Sessão Solene da Câmara Municipal de Taperoá, realizada no Clube "Celso Mariz" onde foi eleita e empossada a nova Mesa Diretora além do prefeito Geraldo Noé e o vice Francisco Coura.

Apresentou-se apenas uma chapa, tendo em vista o fortalecimento do PMDB local que ocupava oito das treze cadeiras parlamentares. Como o presidente da Sessão era candidato a cabeça de chapa para a composição da nova Mesa a presidência foi passada ao assunçãoense João Martiniano por ser o mais velho de todos, procedendo assim os trabalhos eleitorais.

Realizada a apuração, a única chapa, encabeçada por Adriano Farias e tendo como vice o assunçãoense Balduíno Balbino, obteve nove votos favoráveis, tendo João Martiniano mais uma vez votado nos candidatos do prefeito. O vereador petista Salomão Marinho votou em branco enquanto Marcos Antonio de Araújo, Inácia Ramos Vitorino e Severino Antonio da Silva abstiveram-se do voto. Em seguida, João Martiniano passou a presidência a Adriano que por sua vez deu posse aos prefeito e vice eleitos.

Nesse pleito de 1992 Orlando Martiniano, filho do chefe João Martiniano, candidatou-se a vereador para a Câmara Municipal de Juazeirinho pela coligação PMDB/ PRN conseguindo 117 votos, poucos para empreender vitória.

QUADRO III

ELEIÇÃO PARA CÂMARA MUNICIPAL DE TAPEROÁ				
ELEIÇÃO	**CONCORRENTES**	**PARTIDOS**	**VOTOS**	**RESULTADO**
1988	João Martiniano dos Santos Balduino Balbino dos Santos	PDS PMDB	428 325	eleito eleito
1992	João Martiniano dos Santos Balduíno Balbino dos Santos Lindoval Balduino da Nobrega	PDS PMDB PMDB	344 322 330	eleito eleito

Fonte: Arquivos do TRE

2.3.1-SEGUNDA EMANCIPAÇÃO

No início da década de 90, no governo Ronaldo Cunha

Lima, cinqüenta distritos paraibanos se organizaram no sentido de legalizar e proceder sua emancipação política, dentre eles Assunção, que já tinha desfrutado essa condição.

O projeto de Lei foi impetrado na Assembléia Legislativa pelo deputado Antônio Ivo de Medeiros, para o início do levantamento de uma série de requisitos para o cumprimento da solicitação.

Nesse particular, cumpre citar o empenho dos dois chefes políticos locais para que se realizasse a emancipação política de Assunção, além da participação popular mediante plebiscito e da autorização dos dois município sedes.

Em 20 de julho de 1993 a Câmara Municipal de Taperoá presidida pelo vereador Adriano Farias, formalizou manifestação de apoio à independência de Assunção na qual assinaram os três vereadores desse distrito: João Martiniano, Lindoval Balduino e Balduino Balbino. Ao mesmo tempo os prefeitos Geraldo Noé de Farias, de Taperoá e Francisco Antônio da Nóbrega, de Juazeirinho assinaram declaração na qual não faziam nenhuma objeção às pretensões de liberdade daquela população.

Os distritos deveriam apresentar condições em vários sentidos desde que pudessem instalar um município. No somatório eles possuíam uma cadeia pública, uma sub-delegacia de polícia, um clube municipal, um posto da TELPA, um posto médico, um cemitério, uma escola municipal, um mercado público, calçamento, uma creche municipal, iluminação pública, uma escola de ensino fundamental e médio e uma sub-prefeitura, conforme declaração do Prefeito de Taperoá, Geraldo Noé. Ademais, possuíam um Cartório, 40 ramais telefônicos, 413 unidades consumidoras da SAELPA e 396 imóveis residenciais com serviços de abastecimento d'água da CAGEPA.

Para que se concretizasse o plebiscito em torno da opinião popular face ao processo de independência, cento e vinte e dois eleitores assinaram um abaixo-assinado endereçado ao Presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba solicitando a consulta Popular.

O POVO, A CHAVE FINAL PARA A INDEPENDÊNCIA.

Após a liberação oficial dada por, Taperoá e Juazeirinho, os dois municípios mãe, para que Assunção chegasse à condição de cidade, a população do distrito teria que ser ouvida, manifestando sua posição, que seria decisiva neste processo de independência.

Em 12 de novembro de 1993 a Câmara Municipal de Taperoá realizou Sessão Especial no clube municipal de Assunção com o objetivo de hipotecar solidariedade ao plebiscito e posteriormente à emancipação política do distrito. Após alguns requerimentos o senhor presidente leu moção de solidariedade enviada pela direção, professores e alunos da escola "João Rogério". Prosseguindo, vários vereadores fizeram uso da palavra e, representando Assunção, falou Antônio Martiniano dos Santos, filho do vereador João Martiniano, que na oportunidade encontrava-se doente.

Por último o presidente Adriano Monteiro de Farias em discurso afirmou que "*a Câmara ali estava, para emprestar o apoio que a sociedade de Assunção reclamava e merecia*".

PLEBISCITO, O DIA DO SIM.

A forma de a população apresentar a sua vontade foi uma votação chamada de plebiscito que convocava todos os eleitores da comunidade a participarem de uma espécie de eleição onde votariam SIM ou NÃO. Se o SIM ganhasse, então estaria completo o processo burocrático para a independência de Assunção. Mais se fosse o NÃO, continuaríamos na Estaca Zero.

A votação foi marcada numa data histórica do país, 15 de novembro, dia da proclamação da Republica. Da data do anúncio, para o dia do plebiscito, restavam mais ou menos vinte dias, que foram aproveitados pelas lideranças locais para conscientizar o povo sobre a importância do seu voto neste dia. Panfletos escritos "vote sim" foram espalhados, e por toda a comunidade ninguém falava em outra coisa.

O povo rapidamente compreendia o que estava para acontecer. Daí por diante, mulheres, homens, jovens e idosos esperavam ansiosos o dia que poderia mudar os rumos da nossa história.

No amanhecer do dia 15 de Novembro daquele ano de 1993, as pessoas do distrito despertaram cedo. Nas ruas, enormes faixas batizaram a data como "o dia do SIM". A votação teve início pelas oito horas da manhã sendo encerrada às 17h.

Durante o dia as lideranças realizaram entrevistas com as pessoas que já haviam votado. O entrevistador era o sargento Aluisio Honorato que usava uma câmera de vídeo manuseada, pelo jovem Wamberto. A ele, as pessoas falavam da importância do voto naquele momento e com alegria diziam que tudo ia dar certo.

Quando se aproximava o fim do dia, quase todos os eleitores de Assunção já tinham votado. A expectativa para o resultado era grande. Sem distinção de cor, religião ou partido político as pessoas começaram a se aglomerar na porta do Clube Municipal, de onde sairia o resultado oficial. Todos queriam a vitória do sim.

Os atuais adversários políticos que disputam hoje a prefeitura de Assunção também estavam lá, juntos, em torno de um só objetivo: Assunção independente. Neste dia "não havia adversários."

Por volta das 18:30 horas, a notícia tão esperada foi anunciada. O SIM Venceu! A emoção tomou conta das pessoas que estavam naquele lugar, os tiros dos fogos e os abraços, se misturaram com o choro de um povo sofrido que há trinta anos aguardavam esta esperança de ser cidade novamente, almejando dias melhores.Houve festa pelas ruas do distrito; a alegria era contagiante. Talvez tenha sido este, o dia mais importante da nossa história, dado pelo fato, não só do resultado favorável do plebiscito, mas também, por que foi o único momento político registrado até hoje em que não houve adversários.

Em 29 de abril de 1994 o Governador Cícero Lucena assinou a Lei nº 5.895 que criou o município de Assunção desmembrando-o de Taperoá e Juazeirinho, respectivamente.

2.3.2-ASSUNÇÃO CIDADE

O reflexo de toda conjuntura política engendrada nos últimos anos de distrito, seria responsável pelo desenrolar dos acontecimentos políticos da primeira eleição do município de Assunção.

João Martiniano ingressou no PSDB por onde lançara a candidatura do filho sem menor problema. Quanto ao PMDB, mergulhando em querelas internas, inchou tanto que acabou abandonando pela dupla liderança. Lindoval correu para o PSDB e se tornou candidato à vice na chapa de Antonio Martiniano. Balduíno fundou o PFL para lançar a candidatura do filho a prefeito tendo como vice João Evangelista Correia, experiente político dos tempos de PSD/ MDB/ PMDB, agora no PFL. Apenas na eleição de 98 quando Balduíno foi majoritário no pleito estadual teve de volta o comando do PMDB.

Nas eleições de 03 de outubro de 1996, após a segunda emancipação política, a disputa em Assunção esteve polarizada em torno dos filhos dos dois chefes políticos locais.

Pelo PSDB candidatou-se Antônio Martiniano dos Santos, filho de João Martiniano, enquanto encabeçava a chapa do PFL Luiz Waldvogel dos Santos, filho de Balduíno Balbino. Em se tratando de experiência político-administrativa, ambos se encontravam no mesmo patamar visto nunca terem ocupado cargo eletivo. No entanto, as candidaturas dos filhos eram credenciadas pela tradição política dos pais.

Comenta-se que poderia naquele momento, ter saído uma chapa conciliatória onde um seria o vice do outro nessa eleição para a inversão da chapa no pleito vindouro. Parece malogrado o acordão em face de em 96 nenhum dos dois chefes abrirem mão da cabeça da chapa.

QUADRO IV

ELEIÇÃO MUNICIPAL DE 1996			
CANDIDATO	**CARGO**	**PARTIDO**	**VOTOS**
Antonio Martiniano dos Santos	Prefeito	PSDB	824
Luiz Waldvogel dos Santos	Prefeito	PFL	754
Valdécio de Oliveira Santos	Vereador	PFL	136
João Martiniano dos Santos	Vereador	PSDB	135
José Francisco Neto	Vereador	PFL	132
Pio Salvador Neto	Vereador	PSDB	121
Reginaldo Balduíno da Nóbrega	Vereador	PSDB	102
Manoel Batista da Silva	Vereador	PFL	96
Terezinha Salvador de Assis	Vereador	PFL	93
Severino Ferreira de Farias	Vereador	PSDB	88
Dimas Pereira dos Santos	Vereador	PFL	87

Fonte: Arquivo do TRE.

2.3.4-ELEIÇÃO DE 1998

As eleições de 1998 se revelaram como as que levariam o PMDB paraibano à fragmentação após crescimento histórico que o fez liderar-se por duas grandes personalidades da história desse partido. De acordo com Nicolau Maquiavel *"sempre que um partido cresce a ponto de ter duas lideranças ele incha e racha"*.

Foi o que aconteceu na Paraíba em 98. José Maranhão, governador por ocasião da morte de Antônio Mariz, de quem era Vice, queria utilizar-se da reeleição que agora a legislação permitia. Ronaldo Cunha Lima, então senador, também intentava o Palácio da Redenção. O corolário desse objetivo foi o rompimento no Clube Campestre em Campina Grande e a disputada Convenção Estadual realizada em junho do corrente ano.

Aí entraram os municípios nessa história. Os líderes estaduais telefonavam ou visitavam os municipais na caça ao voto dos convencionais. Em Assunção o PMDB já estava rachado desde 96 e o partido encontrava-se abandonado pelas suas principais lideranças. Daí, não havendo delegado de partido, evidentemente que os postulantes à convenção não obtiveram votos nesse município.

O resultado não podia ser diferente. O então governador conseguiu derrotar a candidatura Cunha Lima por algo em torno de 70 votos de maioria. Entronizado dentro do PMDB, Maranhão procurou se aliar a vários partidos, na coligação "Paraíba Unida", restando enfrentar a candidatura de Gilvam Freire (PT) sem nenhuma dificuldade para derrotá-la no primeiro turno.

Quando ele uniu quase todos os partidos paraibanos em torno da sua candidatura, esqueceu as rivalidades municipais que mais tarde ajudariam a derrotá-lo.

No município em estudo, Maranhão foi votado pela situação e oposição local, ambos apoiados numa deputação governista. O líder Vogel dos Santos, através do apoio a deputada Olenka Maranhão (PMDB) e o prefeito Antônio Martiniano dos Santos, através do deputado Pedro Pascoal, faziam chegar seus votos e preitos ao governador José Maranhão.

O resultado das eleições de 98 expressaram a popularidade do presidente Fernando Henrique que, assim como no Brasil, superou Lula em Assunção com 805 votos contra 202 do PT. Assim como credenciou FHC também sufragou maciçamente José Maranhão para governador do Estado com vitória esmagadora de 1064 votos contra 64 de Gilvam Freire. No entanto, Ney Suassuna, o "senador de Zé" obteve apenas 361 votos perdendo para Burity (PDT) que abocanhou 778.

Para deputado Federal Efraim Moraes (PFL) superou Enivaldo Ribeiro (627 x 532) e para estadual Olenka Maranhão (PMDB) vitoriou sobre Pedro Pascoal (PMDB) (642 x 543). Nesse resultado, em especial, nota-se o equilíbrio das forças políticas locais, pois ao passo que o prefeito venceu para deputação federal a oposição foi majoritária na estadual.

Como a família Balduíno Balbino saira majoritária para deputado estadual, Zé Maranhão, através de Olenka, devolvera o controle do PMDB local.

ELEIÇÃO DE 2000

A eleição de 2000 converteu-se como sendo uma das mais apertadas do estado da Paraíba. O prefeito Antonio Martiniano, beneficiado pela emenda constitucional que garantiu a reeleição, repetiu chapa formando uma coligação dos PSDB/ PFL, para enfrentar a candidatura Luiz Waldvogel dos Santos (PMDB), agora tendo como vice Valdomiro, um dissidente do prefeito.

O resultado deu ao prefeito uma simples vitória por maioria de apenas oito votos, além da manutenção do majoritarismo na Câmara Municipal, elegendo cinco das nove vagas.

QUADRO V

ELEIÇÃO MUNICIPAL DE 2000				
NÚMERO	**CANDIDATO**	**CARGO**	**VOTOS**	**PARTIDO**
45 *	Antonio Martiniano dos Santos	Prefeito	906	PSDB / PFL
15	Luiz Waldvogel dos Santos	Prefeito	898	PMDB
15666 *	Valdécio de Oliveira Santos	Vereador	193	PMDB
15655 *	Manoel Batista da Silva	Vereador	168	PMDB
25601 *	Dimas Pereira dos Santos	Vereador	154	PFL

45789 *	Reginaldo Balduino Nóbrega	Vereador	145	PSDB
15622 *	José Francisco Neto	Vereador	118	PMDB
15688 *	Antonio Alves Felismino	Vereador	114	PMDB
15644	Edson Salvador de Assis	Vereador	107	PMDB
45666 *	Severino Ferrera de Farias	Vereador	102	PSDB
45611 *	Carlos Alberto de Souza Amaro	Vereador	83	PSDB
45610 *	Dinamérica Correia Leal	Vereador	77	PSDB
45655	Pio Salvador Neto	Vereador	68	PSDB
25610	Geraldo Leitão de Araújo	Vereador	63	PFL
45606	Pedro Inácio de Oliveira Filho	Vereador	59	PSDB
15677	Terezinha Salvador de Assis	Vereador	57	PMDB
45601	Luiz Amaro Galdinho	Vereador	42	PSDB
25620	Dival Rufino dos Santos	Vereador	38	PFL
25615	Atemisto Vieira de Andrade	Vereador	21	PFL
15611	Maria Isabel dos Santos	Vereador	18	PMDB
15633	Aluízio de Assis	Vereador	6	PMDB
25611	Ruth Soares dos Santos	Vereador	6	PMDB
25602	Manuel Amaro Vieira	Vereador	5	PFL

Fonte: Arquivos do TRE

ELEIÇÃO DE 2002

Ronaldo Cunha Lima rompido com Maranhão em 98 teve que deixar o PMDB e ingressar no PSDB, com vistas às eleições de 2002. Seu filho, Cássio Cunha Lima, fez a mesma opção partidária, para disputar a governadoria do estado.

José Maranhão renunciou ao governo para disputar uma vaga no Senado Federal. O Vice, Roberto Paulino, após a saída de Ney Suassuna da candidatura maranhista, passou a ser a única opção para enfrentar os Cunha Lima, agora em eleição.

Nesse contexto, as duas grandes facções políticas do município de Assunção agora apoiaram a chapa Cássio Lauremília (PSDB). O prefeito Antônio Martiniano do (PSDB) deixara de apoiar Maranhão no momento em que este perdera o PFL, cujo presidente Efraim Moraes desistia de se candidatar ao Governo do Estado para disputar vaga no senado, cedida por Ronaldo Cunha Lima. Amigo e fiel seguidor de Efraim, Martiniano votara na coligação PSDB/PFL a reboque do deputado de Santa Luzia.

Luís Waldvogel, chefe político peemedebista, rompe com o esquema maranhista e também corre para o lado Cunha Lima.

Não obstante controlar os cargos estaduais naquele município, Vogel afirmara posição contrária após a aquisição de um ginásio de esportes para a Escola Estadual "João Rogério". Ele afirmara ter conseguido através de Olenka, enquanto o prefeito anunciava ser ele através de Quintans. Este chegou a confirmar a versão do prefeito em praça pública, discursando em 29 de abril, por ocasião do aniversário da cidade. A oposição pediu a sua deputada que viesse a Assunção desmentir o discurso de Quintans. Esta não atendeu a solicitação desgostando a família peemedebista local.

Nesse particular, os dissidentes de Olenka decidiram por apoiar Antônio Mineral para deputado estadual e Marcondes Gadelha para federal, ao passo que o prefeito recomendava Assis Quintans para estadual e Inaldo Leitão para a Câmara Federal. Para Presidente da República os dois chefes recomendavam o nome de José Serra . Os senadores das duas facções era a dupla Wilson e Efraim.

As duas eleições de cunho federal-estadual de 98 e 2002 notabilizaram-se pelas posições homogêneas das hostis facções políticas de Assunção. Na primeira eleição ambas estiveram com Maranhão e na segunda com Cássio. O direcionamento de 2002 se define a partir das armadilhas de 98, pois Maranhão queria agradar a gregos e troianos e terminou por não conduzir por muito tempo a conciliação dos interesses locais.

A única força política assunçãoense em luta pela candidatura Paulino era a do vereador peemedebista Antonio Alves Felismino, rompido com Vogel. Para deputado estadual indicava o nome de João da Penha e federal Wilson Santiago. Para presidente pedia votos para o petista Lula.

O governo apostou todas as fichas no segundo turno visto o apoio que recebeu de parte do PT, o empenho do Senador Ney Suassuna e a força recebida do ressentimento braguista.

Para deputado estadual Antonio Mineral superou Assis Quintans (785 x 743); para federal Inaldo Leitão vitoriou sobre Marcondes Gadelha (793 x 600). Repetindo o ocorrido de 98, o prefeito foi majoritário no plano federal e a oposição no estadual. Os candidatos a estadual, João da Penha, obteve 42 votos e federal, Wilson Santiago, 127, a votação do vereador Antonio Felismino.

Para senadores o resultado foi o seguinte: Efraim Moraes (1.179), Zé Maranhão (517), Wilson Braga (1.033) e Burity (402). Para governador Cássio venceu Paulino (1.225 x 368) e para presidente Serra superou Lula (928 x 425).

As notícias de adesões de prefeitos e lideranças Cunha Lima para a candidatura Paulino se alastraram na imprensa e no meio político. Algumas ocorreram, outras não passaram de mera especulação.

Em Assunção, o vice-prefeito Lindoval além dos vereadores Severino Ferreira de Farias e Reginaldo Balduíno da Nóbrega são exemplos dessas adesões, somando forças junto a Antonio Alves Felismino que já estava com o governo desde o primeiro turno. Ademais, eles também pediam votos para Lula, candidato a Presidente da República pelo PT, em cuja popularidade e aceitação a candidatura Paulino visou se apoiar.

Permaneceram fiéis aos candidatos tucanos, o prefeito Antonio Martiniano e o líder oposicionista Luiz Waldvogel.

Serra venceu a Lula por 1299 x 578 votos e Cássio Superou Paulino com 1398 x 479 votos. Uma comparação com o primeiro turno implica no aumento de 111votos na votação de Roberto Paulino, o resultado das três adesões citadas anteriormente.

OS SEIS ANOS DO GOVERNO MARTINIANO

Eleito como primeiro prefeito após a segunda emancipação, o engenheiro agrônomo Antônio Martiniano dos Santos, assumiu o poder em 1° de janeiro de 1997, levando consigo a esperança de centenas de assunçãoenses e a responsabilidade de erguer um município que acabara de renascer.

Diante de todas as problemáticas que o município atravessava, Martiniano achou por bem cuidar da estrutura física da cidade, realizando obras de pavimentação e esgoto sanitário. Realizou melhorias na educação construindo novas escolas na zona rural e reformando as antigas já existentes na zona urbana, bem como garantiu aos professores leigos oportunidade de qualificação através da implantação do Projeto Logos II. Adquiriu três veículos para transportar alunos e estabeleceu em seguida

convênio com o PRÓ-FORMAÇÃO, acelerando o processo de qualificação dos professores. Fundou uma banda marcial na escola "Jaime Ferreira.

Na cultura, garantiu apoio às quadrilhas juninas e grupos de danças, dando continuidade a tradicional festa de São Pedro. Apoiou os grupos musicais da cidade a exemplo de Diplomata e Terra Nova.

Na área do esporte, patrocinou material esportivo assegurando a permanência dos times de futebol já existentes e possibilitando a fundação de novos, realizou também o campeonato municipal de futebol.

Na saúde, ampliou o posto de saúde, que passou a receber médicos duas vezes por semana e fez compra de uma ambulância que transporta os casos mais graves para Campina Grande e inseririu Assunção no consórcio intermunicipal de saúde.

A performance do prefeito Martiniano, acaba por levar a maioria da população a apontá-lo para uma nova candidatura em busca da reeleição, que acontece no pleito do ano 2000.

Em sua segunda gestão, o administrador prioriza a educação, ampliando os programas e as parcerias. Além das já existentes, implantou o PROFA, que atende professores alfabetizadores e de primeira série, estendeu convênio com a Universidade Federal da Paraíba, através do Programa Estudante Convênio Rede Pública, que permitiu ingresso de vinte e cinco professores nos cursos de habilitação na área de educação. Firmou convênio com a Universidade Estadual da Paraíba, trazendo para Assunção, uma sala de aula de pedagogia em regime especial, que está sendo responsável pela habilitação de vinte professores. Adquiriu um ônibus com a finalidade de transportar os universitário até Campina Grande. Neste particular sobre a educação, cumpre-nos citar a atuação da secretária municpal de educação, Maria das Graças Torres de Medeiros.

Até o atual momento, os avanços na educação representam, em nossa concepção, o ponto mais forte dos seis anos do governo Antônio Martiniano dos Santos.

PRESIDÊNCIAS DA CÂMARA MUNICIPAL

Apesar de a eleição de 1996 registar a derrota de Vogel, mesmo assim seu partido, PFL, teve maioria na Câmara de Vereadores, o que possibilitou que ficassem com a presidência.

Com cinco votos a favor e quatro contra o vereador Valdécio de Oliveira Santos foi eleito e empossado em 1° de janeiro de 1997 como primeiro presidente da Câmara Municipal de Assunção para o biênio 97/98.

Uma vez na presidência, Valdécio promulgou a Lei Orgânica no ano de 1997 e também alugou e reformou o prédio onde ainda hoje funciona a Câmara. Foi também em sua gestão que a casa recebeu o nome de "José Francisco Júnior" e o plenário de "Aloísio Honorato", o primeiro, pioneiro da política e o segundo ex- sargento de polícia de Assunção, ambos falecidos receberam homenagens póstumas.

No biênio seguinte, 99/2000, foi possível à situação assumir a presidência da casa, dada vista a adesão do vereador Dimas Pereira dos Santos, que faz com que a maioria na Câmara favorecesse o PSDB que elege o vereador Pio Salvador Neto como presidente.

Na gestão 2001/02, foi eleito o vereador Dimas Pereira dos Santos para dirigir a casa "José Francisco Júnior", era uma compensação pela sua adesão, mas também merecimento pela votação que tinha obtido no pleito de 2000 quando foi reeleito como o terceiro vereador mais votado do município.

Atualmente está ocupando o cargo de Presidente da Câmara o mais jovem vereador da bancada, Reginaldo Balduino da Nóbrega, que foi eleito e empossado no último dia primeiro de janeiro e deverá ocupar o cargo até trinta e um de dezembro de 2004.

CAPÍTULO III
SOCIEDADE E ECONOMIA

3.1-CONHEÇA OS COSTUMES DO POVO DE ESTACA ZERO

3.1.1-REZADORES E CURANDEIROS

Entre os costumes do povo, destacamos a fé nas rezas através dos rezadores e a crença nas curas através dos curandeiros. Os rezadores eram procurados pericialmente quando alguém se dizia está com o mal de "olhado", que seria os olhos maus de pessoas invejosas, mas pediam para serem rezadas também por ocasião de ferimentos, dores de cabeça, espinhela caída, peito aberto, para cortar íngua, cisco nos olhos, que chamavam de "argueiro nos olhos", etc. Já os curandeiros eram procurados para curar mordidas de cobras venenosas. O antídoto da cura era feito da seguinte forma: cavavam um palmo no chão, tiravam três punhados de terra de dentro do buraco colocavam em um copo com água e alho, davam então para a pessoa envenenada.

Eram rezadores e curandeiros: Severino Miliano, José Canhoba, Maria Nova, Vicensa, Júlia Bezerra, João dos Santos, Maria Avelina da Conceição, Maria Evangelista, Vitalina, Camila Martins, Maria do Ferreiro, Zé Nenê, Manuel Luiz, Gurola.

3.1.2-PARTEIRAS

Outro costume muito freqüente era o de mulheres parteiras, que se dedicavam a realização dos partos das mulheres da região. Sem nenhum conhecimento da medicina científica eram quase sempre eficazes e diziam ter um dom de Deus. Após o parto tratavam do umbigo da criança descaroçando algodão e com uma lã faziam um fino pavio, para enrolar o umbigo com óleo de rícino.

Foram parteiras em Estaca Zero: Josefa Taveira, Severina Bonito, Olívia Isabel, Maria Tomaz, Maria Avelina, Joana Messias da Silva, Maria Matias, Maria Viturino e Vitalina.

3.1.3-CANTIGAS DE VIOLA

Os costumes das cantigas de viola também eram comuns no povoado de Estaca Zero como uma das principais forma de lazer. Mesmo sem ter violeiros da terra, o lugarejo era visitado pelos violeiros: Cícero Nascimento, conhecido como Cícero doutor que vinha da cidade de Salgadinho, por José Preto e Luís Pinto de quem não sabemos a origem, mas sabemos que não eram de Estaca Zero. Mesmo assim eram aplaudidos e prestigiados por muitas pessoas do lugar.

Sobre este costume devemos citar que ainda hoje ele existe na atual Assunção, através dos violeiros José Firmino e Lázaro Pessoa, que vez por outra fazem exibições por aqui atendendo convite do senhor Luiz Amaro e Geraldo Leitão, ambos ex. ferroviários, que nas horas vagas são praticantes da poesia.

3.1.4-A MEDICINA ALTERNATIVA

A falta de acesso à medicina científica levava o povo a recorrer a um outro costume, o de utilizar as ervas como remédio. Para tanto passaram a ser orientadas por pessoas da comunidade que ao longo dos anos tornavam-se capazes de identificar a utilidade medicinal de cada erva e até de fabricar os remédios, mesmo sem nunca terem freqüentado nenhuma faculdade. Eram homeopatas: Cícero Freire, Luís Pinto, João Gogo, José Pedro Diniz e Laércio.

3.1.5-O COZINHAR E OS PRATOS TÍPICOS

E o saboroso e velho costume do cozinhar, que na época, tinha como pratos típicos: a buchada do bode, chouriço feito do sangue do porco, sarapatel de porco, galinha caipira ao molho, queijo de coalho, que era fabricado no próprio lugar, na fazenda de José Francisco Júnior pela sua esposa D. Angelita Correia, o caldo de mocotó de boi, muito usado como tira-gosto nos bares, ao lado dos pássaros, ribaçã e da tradicional rolinha assada.

Por último o cardápio mais desejado são as comidas derivadas do milho verde, como: pamonha e canjica, que eram preparadas com ou sem açúcar, o próprio milho cozido ou assado. Estes servidos no mês de junho quando a natureza era generosa em relação às chuvas.

As comidas de milho eram então uma novidade e saboreava-nos o cardápio de Estaca Zero somente uma vez no ano e que tinha muita relação com as festas juninas. Os cozinheiros da época eram: Maria pequeno, D. Agda, Angelita, Maria de Lurdes, Ambrosina Xavier, Olívia Isabel, Regina do Nascimento, Pinina e Tereza. Atualmente o cozinheiro mais solicitado e Geraldo de Zé de Cícero.

3.1.6-NAMOROS , NOIVADOS E CASAMENTO.

Os namoros em Estaca Zero aconteciam da seguinte forma: o rapaz tinha de pedir permissão aos pais da moça. Quando conseguia os dois estavam liberados para conversar alguns dias da semana pela janela da casa, a moça pelo lado de dentro e o rapaz pelo lado externo. Em outros casos, quando havia o noivado o rapaz até podia entrar na casa, mas o namoro era vigiado por todos da família que permaneciam o tempo todo com o casal. Intimidades maiores só eram permitidas após o matrimônio. Mesmo com todo esse rigor, existiam casos em que a moça engravidava antes do casamento. A família entendia que a filha tinha perdido a "honra", então obrigavam o rapaz a casar-se mesmo que não quisesse.

Os casamentos eram realizados na Santa Missa, numa cerimônia especial que reuniam as duas famílias. Após o casamento todos iam para a casa do pai da noiva, este oferecia um banquete que era servido também para os amigos.

3.1.7-SUSPERSTIÇÕES

Desde o início da história de Estaca Zero notamos um povo supersticioso. Aqui citaremos um pouco das superstições que ainda hoje existem entre o povo de Assunção:

No dia em que uma pessoa chupava manga ou abacaxi, não podia beber leite;

- Não se podia beber leite e comer ovos no mesmo dia;
- Não se podia comer carne verde e na mesma hora comer doce;
- Se alguém abrisse a boca para bocejar, tinha de fazer o sinal da cruz, para o demônio não entrar pela boca, sentir calafrios significava que por perto estava uma alma penada;
- Matar gato dava sete anos de atraso, e se o bicho fosse preto era melhor nem ver;
- Contar estrelas fazia nascer verrugas;
- Chinelo emborcado fazia mal para mãe;
- Chifre de boi pendurado na parede da sala prevenia contra mal olhado;
- Quando uma visita indesejada demorava ir embora, colocavam uma vassoura atrás da porta da cozinha com o cabo para baixo, se a visita não saísse jogavam sal no fogo.

3.1.8- ENTERROS

Os defuntos eram transportados até o cemitério em redes conduzidas por homens tendo um pedaço de pau como suporte. À caminho do sepulcro o corpo deveria entrar na igreja para recomendação da alma.

O luto era expresso em roupas pretas para as mulheres e para os homens deveriam deixar a barba crescer, só tirando-a após a missa de trigésimo dia. Ainda utilizavam um sinal preto feito de tecido, no bolso da camisa ou na porta da residência

Eram essas algumas das superstições que acompanhavam o dia-a-dia das pessoas de Estaca Zero e ainda hoje várias delas existem

.3.2-MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O primeiro meio de comunicação de Estaca Zero chegou no ano de 1958. Foi uma difusora, que funcionava no mercado público movido pela energia do motor ficando no ar entre 19 e 21 horas.

Neste final da década de 50, foi palco de recados apaixonados entre namorados e paqueras que aproveitavam a noite tranqüila e o som romântico para namorar e realizar suas declarações, a exemplo das jovens da época: Júlia Barbosa, Inácia Braga, Josefa Domerina da Cruz, Maria do Carmo, Tereza Neves de Souza, Eulália Neves de Souza, Maria do Céu Araújo, Maria da Salete Batista, Maria de Joquinha, Ivonete Salvador, Maria Araújo, Jandira, Nenê e Avanir Barros. As calçadas e a residência de D. Donzinha eram os locais mais utlizados por estas jovens.

O segundo meio de comunicação foi um posto da agência de Correios e Telégrafos que chegando na década de 60 facilitou o contato do povo de Estaca Zero com amigos e familiares que moravam distantes. O posto funcionava em horário integral no local onde hoje é a residência do ex-.vice-prefeito da primeira emancipação João Evangelista Correia que posteriormente assumiu a direção. O responsável era Miro Salvador que enviava todas as correspondências de trem, na Estação Ferroviária de Estaca Zero. O posto foi fechado na década 80 sendo reaberto no ano 2000, passando a ficar sob os cuidados de Sandro Sérgio que atualmente ainda está no cargo indo todos os dias a cidade deTaperoá levar e buscar os malotes de correspondências.

O terceiro meio de comunicação foi um ramal telefônico provindo da fazenda Lajinha no município de Salgadinho, instalado na casa de Balduíno Balbino dos Santos.

Ainda em se tratando de comunicação, José Pedro Diniz adquiriu o primeiro rádio no ano de 1950 e sua esposa, Rita José Diniz, a primeira televisão no ano de 1965.

O outro meio de comunicação importante, o telefone, chega com a instalação do posto da TELPA (Telecomunicações da Paraíba), no ano de 1985.

Após quarenta anos da existência da primeira difusora, surge uma segunda: a difusora "Voz de Assunção" no ano de 1992, exercendo a mesma função da pioneira, embalando a juventude de Assunção nos anos 90. Foi implantada através da Associação dos Moradores e Produtores Rurais de Assunção (AMPRA). Tinha funcionamento diurno e noturno e atendia também as utilidades públicas da comunidade.

Foi através dela que o povo ouviu as notícias sobre a futura emancipação de Assunção, que aconteceria em 1994.

O locutor era o extrovertido Luís Lula Marral que atualmente é cantor do grupo Show Terra Nova de Assunção.

3.2.1-A RADIOFONIA EM ASSUNÇÃO.

Sete anos após o fechamento da difusora, Assunção já cidade, ganha seu mais moderno meio de comunicação: A Rádio Assunção FM, de freqüência 89.7 MHz.

No dia 14 de junho de 1999, eram realizados os testes finais às 23 horas. Dois técnicos do Ceará fizeram os últimos ajustes de freqüência. Na manhã seguinte, era inaugurada oficialmente a primeira rádio da história de Assunção, com seus dois primeiros locutores: Dagmar Santos e Lázaro Alves de Farias. O primeiro citado assumia também a função de diretor geral.

O terceiro locutor a ingressar na rádio foi Maria das Dores Gomes Martins, mais conhecida como Dorinha que já tinha experiência em apresentação de eventos ao lado de Lázaro Alves de Farias. A partir daí outros foram ingressando, como Carlinhos Braw, Beto Mania, José Ediglei, Jamile Alves de Farias, Sâmara Araújo, Raquelma Oliveira, Ivonete Alves de Farias, Aline, Damiana Martins, Fabiano e Mônica.

No início do ano 2000 a direção da rádio foi entregue ao jovem Waldevan Diniz e meses depois ao locutor Lázaro que mesmo assim continuou como locutor. A rádio funcionava todos os dias das 06 às 23 horas, com a programação constante no quadro abaixo:

QUADRO VI

HORA	PROGRAMA	LOCUTOR
06:00	Acorda cidade	José Ediglei
08:00	Manhã de Sucesso	Lázaro Farias
10:00	Forrozão do Terra Nova	Rogério Ambrósio
12:00	Almoçando com música	Jamile Farias
13:00	Toca tudo Musical	Jamile Farias
14:00	Breganejo	Carlinhos Braw
16:00	Forró de fim de tarde	Beto Mania
18:00	O Terço: Momento Mariano	Ivonete Farias
19:00	Forró Love	Raquelma Oliveira
21:00	O Bregão	Márcio de Oliveira

A rádio tinha grande aceitação na cidade e mudou muito o cotidiano de vida das pessoas. Contudo, funcionava na irregularidade, sendo fechada e tendo o material selado pela ANATEL, no dia 19 de fevereiro de 2001. Mesmo assim, entrou para a história do município de Assunção como o mais moderno meio de comunicação do século XX e início do XXI.

Modernismo este que chegou a Assunção, através da força política do deputado federal, hoje senador da república, Efraim Moraes, a quem Assunção tinha confiado parte dos seus votos. Na oportunidade, Efraim atendia o pedido do prefeito da cidade Antônio Martiniano dos Santos, que tinha lhe cedido apoio na campanha de 1998, tornando-se grandes amigos.

A abertura da rádio significou não só o avanço da cidade, mas também uma demonstração de poder por parte da situação.

3.2.2-CIADADE FM, A RESPOSTA DA OPOSIÇÃO.

No mês seguinte à abertura da rádio Assunção FM, a cidade se surpreende com a abertura de uma outra que foi chamada pelo nome Cidade FM, e operava na freqüência 100.1 MHz, sob direção do seu primeiro locutor Cláudio Assis.

A rádio que chega através da Associação (AMPRA) controlada por pessoas ligadas à oposição, era uma espécie de resposta pela abertura da Assunção FM.

Os seus programas logo contagiaram a cidade e a rádio passou a dividir audiência com a já existente. Entre os locutores de ambas o clima era sempre de amizade.

Fizeram parte da equipe da 100.1:

- Cláudio Assis, que é de Brasília, mas na oportunidade morava em Assunção;
- Ademir Luciano, da cidade do junco do Seridó que vinha todos os dias realizar seu programa, tornando-se amigo da cidade.

Da equipe também fizeram parte: Waldemir de Souza, Adenildo Guedes, Rogério Olinto, Lucielma Solange da Nóbrega, Eduardo Bacellar, Marcos Oliveira e Ivonete Alves de Farias.

Com funcionamento das 06 às 23 horas, a rádio tinha uma programação eclética.

As duas rádios, além de apoiarem todos os eventos da cidade, ainda chegaram a promover alguns, cuja renda servia para compra de cds e outros materiais.

A visita mais importante que ambas as rádios receberam, aconteceu em maio do ano 2000, quando o poeta do cravo branco, Maurício Reis visitava Assunção por ocasião de um circo que estava na cidade, cujo dono era seu amigo e por isso veio realizar um show.

Nesta oportunidade, cedeu entrevista nas duas rádios. Na Assunção FM, foi entrevistado pelo locutor Lázaro Alves de Farias e na Cidade FM, por Waldemir de Souza.

O fechamento desta última, se deu no mesmo dia e pelo mesmo motivo da primeira.

3.3-ILUMINAÇÃO

Antes de conhecer a energia elétrica, Estaca Zero usou as mais variadas formas para iluminar as suas noites: Os chamados murrões movido a gás com areia e estopa produziam uma grande labareda capaz de iluminar a metros de distância, possibilitando na noite o contato das pessoas fora de suas casas e dependendo do abastecimento de gás, a chama durava a noite toda iluminando assim a vida das pessoas nos anos quarenta, década da fundação.

Outra forma usada já na década de cinqüenta era a lamparina, um recipiente com gás querosene e um pavio de algodão com a ponta para fora capaz de produzir uma pequena chama que iluminava somente dentro das casas.

Então em 1958, a aprovação do projeto do então deputado José Ribeiro de Farias pedindo a iluminação a motor para Estaca Zero mudaria a vida daquele povo. Essa iluminação chega através do projeto de Lei Nº 52/58, como veremos a seguir:

Projeto de Lei Nº 52/58, Autoriza Governo do Estado A Assumir Responsàbilidade Solidária de Empréstimo da Prefeiturea de Taperoá Com Banco do Nordeste, Para Ampliação da Iluminação da Sede e Implantação da Iluminação a Motor do Distrito.

O Projeto obteve um parecer favorável, na Comissão de Constituição, Legislação e Justiça presidida por Antônio Nominando Diniz.

Foi Aprovado na Assembléia e sancionado pelo então governador, Pedro Gondim, como Lei Nº 1868 de 30 de setembro de 1958.

Deixemos que o próprio autor do projeto Dep. José Ribeiro de Farias, nos fale sobre a justificativa para beneficiar Assunção:

> *" Também se impõe a iluminação do povoado de Assunção, junto da parada de quase todos os transeuntes, da Estrada Central, de campina Grande à zona Sertaneja, tendo sido orçada a mesma em CRS 400.000,00 (Quatrocentos Mil Cruzeiros).*
> *José Ribeiro de Farias*
> *Deputado Estadual."* (14)

A vida do povo ficou melhor, a energia gerada do motor garantia iluminação das 18 às 22 horas, mas somente para a zona urbanizada. Serafim, da cidade de Taperoá, fazia mover o referido motor. Sete anos depois, em 1965, Assunção ganha a energia elétrica, como já citamos no primeiro capítulo deste estudo.

Hoje Assunção encontra-se 100% eletrificada, ou seja, tanto na sua zona urbana como na rural. A fase de conclusão se deu nos oito anos da administração do ex. governador José Targino Maranhão, através dos deputados, Pedro Paschoal, Francisco de Assis Quintans e da deputada Olenka Maranhão.

3.4-FERROVIA: CONSTRUÇÃO E COTIDIANO

O século XIX notabilizou-se pelo avanço técnico-científico fluindo daí uma das tantas inovações da humanidade: o trem. Este é filho do invencionismo de Richard Trevithick, na Inglaterra em 1804.

No Brasil esta inovação se deu na Segunda metade do século XIX com a construção da estrada de ferro D.Pedro II (Central do Brasil), pelo Barão de Mauá em 1858.

Na Paraíba, portanto, a construção da linha férrea teve início em 1880, inicialmente pela Companhia Estrada de ferro Conde D'Eu, passando em 1901 para a Great Western of Brasil, firma inglesa.Os trabalhos se fizeram dinâmicos até 1889, ano da proclamação da República, quando paralisados.

Em 1907 o trem chegava em Campina Grande graças aos esforços federais que arrendaram a Great Western para a continuidade dos serviços. Contudo, o Sertão ainda comercializava com Campina e estados vizinhos através de comboios e animais de cargas.

Com a chegada de Epitácio Pessoa à presidência da república em 1919, o plano de "obras contra seca" tomou relevante impulso. A construção de ferrovias estava nele contido buscando combater suas nefastas conseqüências. O problema, porém, consistia no choque de interesses das regiões que queriam ser beneficiadas. O engenheiro Retumba afirmava que a estrada de ferro deveria seguir pelo Ingá, Campina Grande, São João do Cariri, Batalhão (Taperoá), Santa Luzia, Pombal, Souza, São João do Rio do Peixe até chegar a Cajazeiras. Dizia ainda que de Batalhão deveria partir um ramal diretamente para Alagoa do Monteiro e outro na busca de Teixeira, Imaculada e Princesa Izabel.

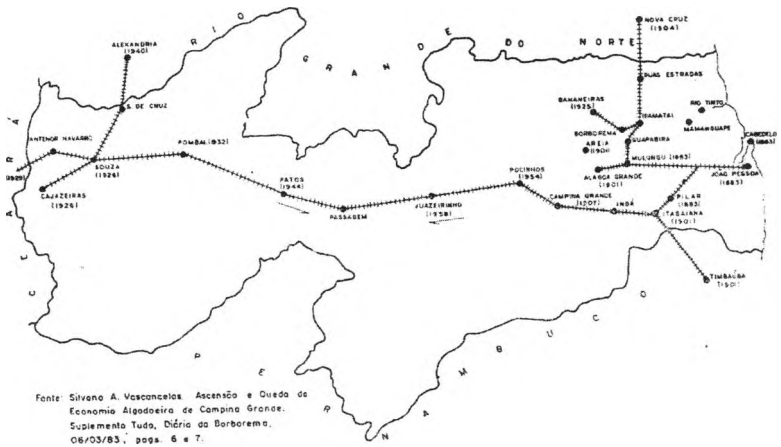
O itinerário acima citado teve aprovação de José Américo de Almeida em "A Paraíba e seus Problemas".

Contra essa trajetória estavam os que defendiam o prolongamento a partir de Alagoa Grande, cortando Remígio, Esperança, Pocinhos, Soledade, Santa Luzia, São Mamede, Patos, Pombal e Cajazeiras. Diziam que além de beneficiar mais

localidades, ligaria o sertão diretamente ao porto substituindo comércio diretamente com estados vizinhos.

Em honrada e distraída conversa com os senhores Teófilo Francisco de Souza e José Noel de Farias, ambos ex-trabalhadores das ferrovias, pudemos apurar o cotidiano na construção das vias férreas na Paraíba.

Contaram-nos que o traçado pela Paraíba adveio pelo estado do Ceará, empreendido pela rede Viação Cearense. Em 1926 os trilhos tocavam o Alto Sertão paraibano chegando aos municípios de Souza e Cajazeiras. Daí em diante, os trabalhos se fizeram até Passagem, pela empresa citada anteriormente. A partir daí, a incumbência construtiva era da empresa pernambucana, Colier e o traçado vinha no sentido leste-oeste, sendo em Passagem o encontro dos trilhos.



MAPA II - REDE FERROVIÁRIA ORIGINAL DA PARAÍBA

Segundo os entrevistados, havia diferenças entre os dois trechos citados. Antes de Passagem as estações eram erguidas a base de madeira, o aterro feito a carro de mão e as perfurações conseguidas mediante marretas. Digamos que ainda era uma mão de obra genuinamente manual.

No entanto, a partir de Passagem o trabalho já se constituiu mecanizado. As estações passaram a ser levantadas tendo por base a pedra, o aterro trazido pelas caçambas e as perfurações efetivadas pelo compressor.

De três em três léguas era erguida uma estação. O trabalho era exercido por centenas de operários que buscavam o sustento de sua família. Havia os operários fichados na empresa, com todos direitos trabalhistas, mas existiam também os quebra pedras que, sem vínculo empregatício com a firma construtora, se punham a quebrarem pedras cuja brita vendiam a empresa. Lembram os depoentes a intensidade de mulheres nessa tarefa.

Relembram ainda que a técnica utilizada para fazer o alinhamento correto consistia em um tição ou um apito, de tal forma que um operário pudesse localizar o outro à frente para irem marcando os pontos da dita linha.

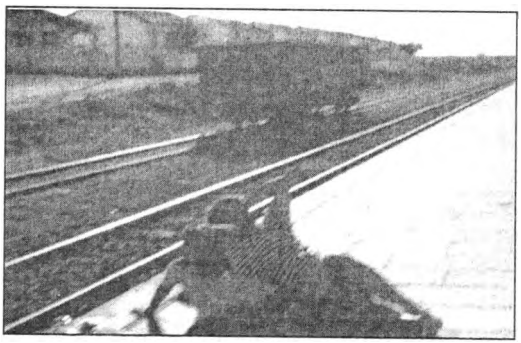
Após o aterro e a montagem dos trilhos, ainda restava o serviço de acabamento. Nessa momento o trem já adentrava o Cariri servindo como transporte do material necessário para a conclusão da obra.

O duro trabalho era compensado pelas farras que organizavam. À noite, os trabalhadores desfrutavam de um autêntico forró de pé de serra, à base de sanfona, triângulo e zabumba. Alguns tocavam e outros ouviam violão. Como não podia faltar, as festas eram sempre acompanhados de uma boa cachaça que adquiriam por compra no barracão.

Por falar em barracão vale salientar que se tratava de um comércio de comidas e bebidas mantido nas construções pela mesma empresa construtora. Desse modo a firma lucrava duplamente: ao receber do governo pela construção da obra e dos operários pelas compras ali adquiridas. Os trabalhadores recebiam como remuneração um vale que pelo fato de ter uma linha inclinada no dito papel eram apelidados por eles de "pau nas costas". Ao receber os vales levavam para o barracão trocando por dinheiro ou produtos que ali vendiam.

A vigilância dos operários ficava por conta do feitor que marcava o ponto de presença do trabalhador e fiscalizava a execução dos serviços para daí prestar contas ao administrador geral.

Concluída a estação de Estaca Zero em 1958, se encontrava naquele lugar o ponto de partida para diversas localidades, desde o Ceará até o Pernambuco ou vice-versa.



Vila dos Ferroviarios

Existia o trem de carga e o de passageiros. No caso de Estaca Zero este último era mais utilizado, visto a procura de pessoas de diversas localidades vizinhas por um transporte menos encarecido.

À frente, guiando a máquina, iam dois maquinistas, seguidos pelas locomotivas que expressavam a desigualdade social. Na primeira locomotiva, de 1ª classe, acomodavam-se os passageiros de luxo; na Segunda, a mediana, estavam uma espécie de classe média, enquanto nos últimos vagões se concentravam os passageiros pobres. A diferença estava no preço da viagem. Ademais, existia um vagão para o restaurante, no qual os passageiros adquiriam refeições com custeio fora do preço da passagem e outro que comportava apenas as bagagens. Nele Teodomiro Salvador embarcava as malas com correspondências postadas nos correios de Estaca Zero.

Em 1957 o presidente Juscelino Kubitschek criou a Rede Ferroviária Federal S/A, uma empresa nacional e estatal. Em 1958, de certa forma, parte integrante do Plano de Metas de JK, foram construídas em Estaca Zero a estação, dezesseis residências para funcionários, três garagens para o alto de linha, um depósito e uma sala de espera onde funcionava a bilheteria.

Os Agentes se incumbiam do licenciamento da carga na medida em que os Artífices Via Permanente faziam a manutenção da linha. Além deles havia Assistente Social, Setor de Segurança,

os encarregados do TQT (manutenção do trem) , da mecânica e da eletroteca (comunicação). Esta, porém, era feita entre as estações via telegráfica e posteriormente a rádio amador.

Até o final da década de setenta ainda passava em Asunção o trem Asa Branca, este condutor de passageiros. No inicio da década de oitenta quando o transporte automobilístico ganhou a pavimentação da estrada Teixeira-Barra, as viagens de trem foram sendo abandonadas. Os próprios trens que continuam até hoje passando em Assunção são apenas condutores de cargas.

Em 1998 quando Fernando Henrique privatizou a Rede Ferroviária Federal S/A, muitos funcionários foram demitidos e outros aposentados. Todo complexo edificado na antiga Estaca Zero, infelizmente não existe mais. Trata-se de um crime contra o patrimônio histórico.



Artífices Via Permanente de Assunção fazendo inspeção na linha no município de Salgadinho. Da esquerda para à direita: José Noel de Farias, Geraldo, Chico Brejeiro, Nelson, Ivan, Espedito, Antônio Marciel, Raimundo, Dedinha, Luiz Amaro e Antonio Alves Felismino.

3.5-O CANGAÇO EM ESTACA ZERO: PROVAS E POSSIBILIDADES

No Brasil, a história do cangaço tem inicio com a implantação do coronelismo político. A partir daí a terra era exclusiva do latifundiário, ao trabalhador só sobrava o direito de

trabalhar e colher uma pequena quantidade que pouco dava para sua sobrevência. Os camponeses começam a revoltar-se, e no caso do Nordeste, formam-se os bandos que atendem pelo nome de cangaceiros. Seguiam Virgulino Lampião e Antônio Silvino, que na verdade se chamava, Manuel Batista de Morais.

No caso de Estaca Zero não há nem um registro da passagem do bando de Lampião, mas de acordo com o que muitos afirmam, o bando de Antônio Silvino por muitas vezes deve ter passado pelas terras que no futuro seria Estaca Zero, isso por volta de 1909 e 1910, quando ele procurava por um inimigo da cidade de Soledade, José Pereira de Couto. Ao passar por esta região chegava a se alimentar na residência de Joaquim Mota, morador do sítio Frades.

Certa vez também houve o registro de um tiroteio entre o bando e a polícia (volante) no sítio Cachoeira, o que comprova mais ainda que ele deve ter passado onde se tornou o povoado de Estaca Zero.

Um outro fato que apontamos é o de Galdino Gonçalves morador da Cajazeiras que também abrigou em uma casa o cangaceiro. Depois que lá jantavam iam para um esconderijo numa caverna que hoje recebe o nome de grota, a qual é muito visitada por pessoas que, na maioria das vezes, mesmo sem o conhecimento do valor histórico do lugar sentem-se atraídas pelo o banho lá existente.

Essas são as provas de que o bando e Antônio Silvino esteve nesta região, e também as possibilidades mais prováveis de que um dia tenham passado nas terras onde algum tempo depois foi fundado o povoado de Estaca Zero. De qualquer forma Silvino e seu bando estiveram com certeza nas terras que hoje pertencem a atual cidade de Assunção.

3.6-ASSUNÇÃO E A II GUERA MUNDIAL.

De 1939 a 1945 aconteceu a II guerra Mundial. O conflito deixa um rastro de morte e de indignação em todo o mundo. As questões políticas e econômicas que giravam em torno da guerra fizeram com que o então presidente Getúlio Vargas

disponibilizasse as tropas brasileiras para defender os aliados dos Estados Unidos da América. Em Assunção, ninguém teve participação direta. Contudo, hoje habitam aqui dois senhores que se dizem ex-combatentes dessa guerra. Conheça um pouco sobre eles.

José Rodrigues Bezerra, conhecido como "Zé Massá", é natural da cidade de Umbuzeiro PB. Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1922, quando tinha 19 anos a segunda guerra estava no seu quarto ano, quando segundo ele, foi convocado pelo exército brasileiro para dela participar. Recebeu treinamento básico e imediatamente foi servir em Pernambuco e Alagoas. No final de 1944 foi prestar guarnição no Rio de Janeiro. E em 1945, último ano da guerra, realizou duas viagens internacionais. Numa delas, afirma que teve de entrar em combate. A primeira foi para a Itália. Na cidade do Vaticano prestou segurança para o papa ao lado de vários outros soldados. A segunda foi na cidade de Berlim na Alemanha, onde por trinta dias diz ter enfrentado as tropas de Hitler. No mesmo ano foi para Fernando de Noronha.

Com o final da guerra em 28 de maio de 1945, ainda esteve durante seis meses a disposição do exército para uma possível retomada da guerra.

Em fevereiro de 1946, quando o mundo respirava aliviado o final da guerra, ele foi dispensado pelo exército para retomar uma vida que nunca mais seria a mesma. Apesar de tudo, aos 21 anos de idade procurou viver com normalidade. Alguns anos depois, assumiu um emprego na Colier, empresa responsável pela construção da ferrovia. Em 1958, por ocasião da ferrovia que ora era construída por aqui, chegou a Assunção. A partir de então, teve sua permanência. Reformou-se pelo exército, assumindo a função de segundo tenente. Após treze anos do final da guerra, o velho guerreiro escolhe a paz e a tranqüilidade de Assunção para tentar levar uma vida relativamente normal, construindo aqui os últimos quarenta e quatro anos de sua vida.

Cedendo-nos entrevista, falou da guerra com naturalidade e disse ter sido um destemido soldado. Não apresentou nenhum tipo de arrependimento, disse que se necessário tudo faria novamente. E finaliza dizendo em tom bastante extrovertido: *"não*

Existem mais guerreiros como os de antigamente".

José de Oliveira, conhecido como "Zé Canhoba" nascido aos quatro dias do mês de maio do ano de 1926, na cidade de São Mamede PB é outro que se diz ex- combatente da guerra. Conheça sua trajetória no conflito.

Aos 18 anos de idade quando se mudou de São Mamede PB para a cidade de Rio Tinto seguindo a família que conseguira emprego em uma fábrica têxtil lá existente, foi convocado pelo exército em 1944 para ser soldado de guerra. Aceitou a convocação. Imediatamente apresentou-se no 15 RI, em João Pessoa PB. Lá passou seis meses prestando guarnição nas praias da capital e em Cabedelo.

Ainda no final do mesmo ano, foi mandado para a cidade de Anápolis na Itália, onde ficou até o inicio de 1945 sem entrar em combate. De lá retornou para o Brasil, ficou em João pessoa no 15 RI de onde tinha recebido sua convocação.

A guerra teve fim, mas ele não foi dispensado, ainda serviu no 21 GR no Recife, cuidando de material bélico no RCH. Foi licenciado no 14 RI.

Seu José jamais entrou em combate, o que em nada lhe desmerece, pois como tantos outros brasileiros ele aceitou doar a sua vida se preciso fosse, felizmente não foi.

Ao final da entrevista, disse que se orgulhava muito de ter participado da guerra e citou com muito orgulho trechos de sua conversa pessoal com o então presidente do Brasil Getúlio Vargas, a respeito desse assunto. Mencionou também uma mágoa do exército brasileiro, que não concedeu até hoje a sua reforma de ex-combatente.

MUDANÇA DO TOPÔNIMO, REAÇÃO POPULAR

Desde a fundação da povoação, o município em estudo foi batizado de Estaca Zero. Como já falamos anteriormente, trata-se de uma alusão ao marco zero do ramal da estrada de Taperoá.

Em 1959, porém, o lado de Taperoá passou a denominar-se Assunção, segundo algumas pessoas foi uma orientação do Frei Damião de Bozano, alegando que o nome Estaca Zero imprimia

Estagnação. Consoante o frade capuchinho melhor ficaria o nome da padroeira pois era uma homenagem à mãe de Deus.

Após tentativa frustrada dos Suassuna do Catolé do Rocha em mudar o nome do município de Riacho do Cavalo para João Suassuna, projeto de lei reprovado na Assembléia, ficou cogitado efetivar tal projeto em Assunção.

Idealizado pelo deputado Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, o referido homenagearia o ex-presidente da Paraíba, visto Assunção ter nascido em função da estrada de rodagem por ele construída. Ariano, seu filho, concordou em colocar o topônimo: Presidente Suassuna.

Em 1990 esteve na Prefeitura Municipal de Taperoá mostrando o projeto ao prefeito Luíz José Monteiro de Farias. Este passou a tarefa de possível aceitação ou não, a família Balduíno dos Santos, líder do PMDB naquele distrito.

Enquanto Ariano se organizava no sentido de proceder visita ao distrito com o fim de mostrar a população seu projeto, o padre de Taperoá, Manoel Bezerra, articulava com a população para que não aceitasse tal mudança. Assim, ao passo que fingia aceitar a idéia de Ariano, perante ele, contactava a população, por telefone, para que organizasse manifestação de protesto para recepcionar o escritor.

Nesse particular, as duas facções políticas rivais se uniram para repudiar a mudança do topônimo de Assunção. Quando Ariano Suassuna desceu do carro, acompanhado de Dr. Manoel Dantas Vilar Filho (Manuelito) e do referido padre, deparou-se com a multidão com carro de som, faixas, cartazes e gritaria. Fizeram a manifestação imbuídos de idéias como "Fora forasteiro" "vamos respeitar o nome da mãe de Deus".

Ariano vendo aquilo, não falou mais à população, adentrou à capela e assistiu a missa que mandara celebrar em intenção da alma de sua mãe, dona Ritinha Vilar Suassuna. Terminada a celebração, cumprimentou as cinco pessoas que assistiram e disse nunca mais voltar àquela cidade.

Foi embora com o projeto apenas no sonho, não sendo mais votado na Assembléia, sendo impedido de realizá-lo pela reação popular instigada pelo discurso do vigário.

3.7-ECONOMIA

No início do século XX, a região do atual município de

Assunção já sobrevivia da agricultura, pecuária e comércio. Na fazenda Catolé, por exemplo, em 1902, já funcionava maquinismo para beneficiar algodão, despolpador de arroz e um engenho rapadureiro, assim como uma loja de tecidos. Possuia também uma empresa automobilistica transportando passageiros para Campina Grande e cidades vizinhas.

Na década de 30, Antonio Xavier Lucinda já possuía uma casa de farinha no sítio Cajazeiras, seguida nas décadas posteriores de outras pertencentes a Rivaldo Nascimento, Inácio Martiniano, João Possidônio e Hermes Ferreira. A farinha era destinada ao consumo das pessoas e também era vendida nas feiras das localidades vizinhas.

Considerado o "ouro branco" do Sertão nordestino, o algodão foi outro produto base da agricultura de nossa região. Os comerciantes compravam algodão na folha e vendiam nas feiras de São Mamede, Campina Grande, Taperoá, Patos, dentre outras. A mão-de-obra mais utilizada era o trabalho familiar, meeiros, terceiros e moradores.

A pecuária, além de fornecer carne,couro e leite, auxiliava a agricultura como força motriz, sendo o gado também comercializado nas feiras.

Foram estes fatores que influenciaram a economia do povoado de Estaca Zero que era baseada no comércio, fator fundamental para a origem da povoação, assim como as agro-pastoris que muitas vezes subsidiavam aquele.

Além da barraca de José Pedro Diniz, surgiu a primeira budega, pertencente a Pio Salvador em sociedade com Estevão Martins da Costa, atualmente dono do Edifício Estevão, em Patos.Ambos vendiam gás, gasolina, bebidas e alimentos, fazendo suas compras em Campina Grande viajando de ônibus (sopa) algumas vezes por semana. Além da referida budega, Pio possuía um hotel com refeições e dormitórios utilizados pelos viajantes.

Em 1945 José Pedro Diniz construiu outro hotel e alugou a Milton Mota, também servindo aos transeuntes da estrada.

São vários comerciantes antigos, muitos ainda hoje em atividade, contudo, cumpre citar: Joaquim Taveira que fornecia carne para o Hotel de Milton Mota, "Luiz Caristia" e Inácia Braga.

A feira livre foi fundada em 1951 por Jaime Ferreira, na

época, prefeito de Soledade. Abrigava comerciantes de diversas localidades.

Hoje a cidade de Assunção ainda mostra uma economia como a de Estaca Zero, ou seja, com base no comércio, agricultura e criação de animais.

Os comércios existentes são: oito mercearias pertencentes a Genival Liberato, Genival Gonzaga, Severino Ferreira de Farias, Socorro Diniz, Balduíno Balbino dos Santos, Manuel Batista, Francisco Pedro, e Tita.

Bares: Bar do Deilton, Bar do Marcos, Bar do França, Bar do Pino, Bar de seu Petrônio, Bar do Pila e o Bar de Joquinha Pimenta.

Fiteiro: da Dalva

Casas de Móveis: Ginaldo Móveis, que pertence a Ginaldo e Moderno Lar de propriedade de Maria do Socorro Neto.

Armarinhos: Deamys Variedades pertencente a Hozana Moreira, Armarinho da Gilma, pertencente a Gilma, Armarinho da Fabíola, pertencente a Fabíola Soares.

Hotéis: Restaurante e dormitório Neves, pertencente a D. Das Neves.

Padarias: pertencente a Lindoval filho e outra a Dimas Pereira dos Santos.

Frigoríficos: Frigorífico Almeida este, recém aberto, pertence a Edimilson e Leandro Almeida, Frigorífico do Beto, pertence a Beto.

Locadora PRIMMUS GAMES que pertence a Paulo Roberto e José Joelton.

Botiques: Claudia Modas, recém instalada, é de propriedade da própria e de seu esposo; Loja da Marli, de propriedade da mesma.

Borracharias: De Gilson e a que pertence a Geraldo Taveira.

Uma novidade que apareceu na economia de Assunção nas últimas décadas foi a mineração, em parte das terras de Assunção, foi descoberto o caulim que é exportado para o Recife, mas também foram encontrados minérios que de lá alguns chegam a serem expotados para a Alemanha.

A exploração do minério gera trabalho para as pessoas da região, o problema é que a falta de acompanhamento de técnicos da área faz com que as barreiras desabem sobre os trabalhadores. Esse

fato já tirou a vida de algumas pessoas da comunidade.

SERVIÇOS

Os serviços exitentes em estaca Zero eram poucos, existiam apenas:

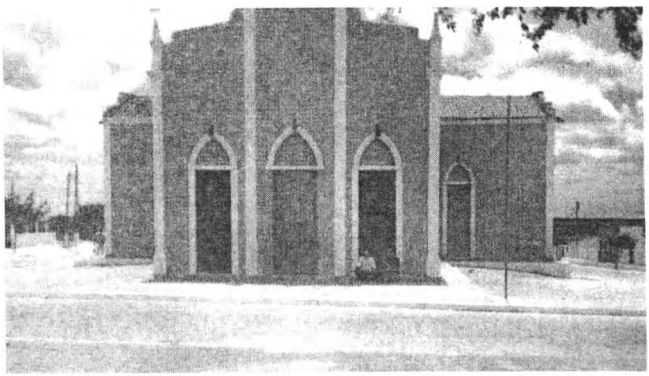
- Gari: Senhor Manuel Canhoba.
- Fotógrafo: João Olinto.
- Professoras: Júlia Borges Ferreira, Camila Martins e Lidirtude Ferreira.
- Carpinteiro: José Tomaz da Rocha.
- Pedreiro: José Martiniano, Clementino Pedro Paulino.

CAPÍTULO IV
IGREJAS, ENSINO E CULTURA

4.1-A VIDA RELIGIOSA DE ASSUNÇÃO

Desde sua origem até os dias atuais, a vida do povo de Assunção é marcada pela fé em Deus. Em diversos momentos da história esse povo buscou na sua fé a solução para problemas, a saída para as dificuldades, e a Deus atribuíam também a felicidade de quando tudo ou pelo menos alguma coisa dava certo. Deus sempre esteve no centro da vida destas pessoas seguindo uma ou outra religião, das quais conheceremos um pouco.

4.1.1- HISTÓRICO DA IGREJA CATÓLICA EM ASSUNÇÃO



O conceito bíblico de Igreja consiste em povo de Deus. Para algumas pessoas significa apenas o templo onde se realizam as missas. No entanto parece a primeira definição mais coerente com a realidade religiosa.

Diante do exposto, podemos afirmar que nos meados da década de 40 quando se realizou a primeira missa em Estaca Zero estava se formando ali a Igreja Católica dessa localidade, mesmo sem a existência, naquele momento, do templo religioso. A celebração foi realizada em cima de um tablado e presidida pelo Padre João Noronha, pároco em Taperoá. Segundo José Pedro

meses depois ocorreu a segunda, ambas por ele contratadas, custando trezentos mil réis cada. Na segunda missa ocorreram dezenove batizados e foram celebrados três casamentos.

Em 1951 o prefeito do município de Soledade Jaime Ferreira mandou construir um galpão ao lado norte da rodagem para que ali funcionasse a feira livre do povoado. Nesse ano ocorreu uma missa por ocasião da inauguração daquela obra. O celebrante foi o Padre Virgínio Stanislau Afonso (Ginú), da paróquia de Soledade.

Como podemos perceber, até então não existia a capela de Assunção. Então a comunidade se organizou no sentido de proceder a realização de uma festa para recolher dinheiro que fosse aplicado na construção da referida. A festa homenageou os Santos Reis pois ainda não existia a atual padroeira. Além da parte religiosa ocorreu também a profana com estruturação do pavilhão, localizado nas imediações do atual mercado público com a tradicional disputa entre os cordões azul e vermelho. A candidata do primeiro citado era Judite José Diniz enquanto a do segundo era Geralda de França, sendo a primeira eleita a rainha da festa. A apuração foi realizada no grupo Escolar Estadual (hoje "João Matiniano") e quinze dias posteriores realizou-se a festa da coroação da vitoriosa.

Para localizarmos com maior precisão o ano de construção da capela de Assunção recorremos aos livros antigos da Paróquia de Taperoá. Nos dois Livros de Tombo não existe nenhuma referência ao ano e às circunstâncias da referida construção. Padre Renato registrava pouca coisa. Contudo, mediante o manuseio dos Livros de Batizados e Casamentos, chegamos às informações que precisávamos.

A construção da Capela se iniciou no ano de 1955, sendo inaugurada, portanto, em 1956. Os primeiros casamentos realizados naquele pequeno templo foram os seguintes: Francisco Batista do Nascimento com Maria Francisca da Conceição, Balduino Balbino dos Santos com Maria dos Anjos e Geraldo Salviano de Souza com Maria Lucas Mota. Todos os matrimônios foram celebrados pelo Padre Renato de Menezes, em 06 de janeiro de 1956.

A partir de então a padroeira passou a ser Nossa Senhora da Assunção, imagem doada por Jaime Ferreira e introduzida na capela em solene procissão.

O território do atual município de Assunção durante o século XIX pertencia a freguesia de Nossa Senhora dos Milagres de São João do Cariri. Em 1904 com a criação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Taperoá, o território assuçãoense ficou ali inserida. Em pesquisas realizadas no Livro de Tombo Nº 1 arquivado naquela paróquia constatamos seus limites:

- Norte: extremando com a freguesia de Santa Luzia do Sabugy, no lugar Ponta do Poço;
- Sul: extremando com a de São João do Cariri no lugar Campo Grande e Algodão;
- Leste: estremando com a de São João do Cariri, em Santo André;
- Oeste: extremando com a de Teixeira.

Em 1956 foi construída a capela de Estaca Zero no território da paróquia de Taperoá. Exerceram o sacerdócio nesta os seguintes vigários:

- Padre Renato de Menezes (1956-1984)- pernambucano de Floresta;
- Padre Manoel Bezerra do Nascimento (1984-1994)- pernambucano de Cumarú, se ordenou em Taperoá em 18/02/1979 e no dia 20 tornou-se vigário cooperador da paróquia auxiliando Padre Renato. No dia 15/02/1984 assumiu a paróquia por ocasião da morte do vigário titular;
- Padre Severino Alencar (março/1994- março de 1995)- paraibano de Patos, ficou pouco tempo em Taperoá. Vinha às celebrações de finais de semanas pois era auxiliado pelo diácono José Ronaldo;
- Padre José Ronaldo Marques da Costa (1995-2000)- paraibano de Malta, ordenou-se em Taperoá no dia 18 de novembro de 1994 e tomou posse como vigário da paróquia em 06 de março de 1995.

Em 09 de fevereiro de 2001 fora criada a paróquia de Junco do Seridó, desmembrada de Taperoá. A partir daí Assunção deixou de pertencer a Taperoá e passou para o Junco, cujo padre é João Batista.

Construída em apenas uma nave a capela de Assunção foi sendo equipada e ampliada no decorrer do tempo. Em 1985, Padre Manuel Bezerra mandou fazer uma restauração na edificação, além de comprar um possante serviço de som, com intensa colaboração dos fieis assunçãoenses. Em 1992, Padre Severino Alencar empreendeu mais uma restauração e em 1997 Padre José Ronaldo mandou construir a sacristia, uma sala com banheiros para reuniões, um quarto com banheiros e um pequeno depósito. Todo trabalho se fez concluído em 26 de dezembro de 1997.

De 10 a 13 de agosto de 1961 o Bispo Diocesano D. Espedito Eduardo Oliveira juntamente com o Frei Natal de Carolina, Capuchinho da Comunidade do Coração de Jesus, de Fortaleza, no Ceará, e o Padre Renato de Menezes estiveram em Assunção realizando uma visita pastoral. O Bispo solicitou da comunidade a criação do Apostolado da Oração e antes de partir agradeceu a bela hospitalidade assunçãoenses, estendendo este em especial ao Sr. Jaime Tavares.

Em 1966 notadamente de 10 a 13 de setembro, o referido Bispo, acompanhado do Padre Renato e das Irmãs Josefinas, cuja ordem tem casa em Taperoá, participaram de mais uma visita Pastoral a Cristandade de Assunção. Nessa segunda visita do Bispo se deu por satisfeito ao ver o Apostolado da Oração criado, uma solicitação sua na primeira visita. Foram distribuídas 1007 comunhões e crismadas 467 pessoas segundo D. Espedito, que deixou escrito no Livro de Tombo nº 02 da Paróquia de Taperoá. Aconteceu nesse ano o acabamento das instalações da Capela de Assunção e ainda notara-se vocação religiosa em algumas moças ali presentes.

A terceira visita Pastoral ainda realizada por D. Espedito se deu 1978. No dia 16 de outubro, às dezessete horas já estavam esperando em frente a Igreja o Padre Renato, o Diácono Manuel Bezerra, o Apostolado da Oração e os alunos do grupo Escolar "Jaime Ferreira". A oratória receptiva ao ilustre visitante foi

proferida pela professora Júlia Borges Ferreira. Em Seguida o Bispo convidou a todos para que adentrassem a capela. Em sermão anunciou a eleição de Karol Voytila para o Papado em substituição a João XXIII que havia falecido. O citado concorrente é o polonês João Paulo II, atual Chefe Supremo da Cristandade. Após o anúncio foi rezado o Oremos pro Pontífice e à noite celebrada uma missa pelo Padre Nelson Mota e a Irmã Josefina, Maria Conceição Saraiva. No dia 17 pela manhã ocorreu reunião com os jovens e a tarde com os casais. O número de crismandos foi considerável vindo pessoas até de Campina Grande. No mesmo dia partiram para efetivar visita a comunidade de Junco do Seridó.

Em 13 de setembro de 1982 estaria visitando pela última vez a comunidade de Assunção o Bispo Diocesano D. Espedito, em mais uma visita Pastoral. A festiva recepção de fronte à igreja foi a mesma das visitas anteriores, sendo desta feita acolhido pelo então interventor de Taperoá Dr. José de Assis Queiroz. Após celebração de missa agradeceu aos habitantes daquele distrito em nome da Professora Júlia Borges e voltou a Taperoá.

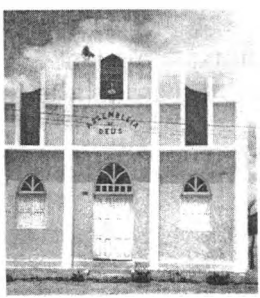
Em 1995, por iniciativa do padre Severino Alencar, foi fundado o JOSEC (Jovens Seguidores de Cristo), com o objetivo de formar um coral e de se responsabilizar pela parte litúrgica. O Apostolado da Oração foi reaberto.

Em 1996, por iniciativa de Ivonete Farias foi fundado o MEJ (Movimento Eucarístico Jovem), objetivando ser a ala jovem do Apostolado da Oração, incumbindo-se do trabalho de evangelização.

4.1.2 HISTÓRICO DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS



A Igreja em Construção



A Igreja Hoje

Durante toda a sua história até 1988, em Assunção existiu apenas uma religião oficial, a Católica Apostólica Romana. Foi exatamente quando chegou ao distrito de Assunção, um Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que atendia pelo nome de Reinaldo Palheta de Azevedo. Vindo da cidade de Icaraci, no Belém do Pará, propôs a fundação da Igreja em Assunção. De ínicio a idéia só foi compartilhada com pessoas já Evangélicas de outras Igrejas, e que por ocasião, estavam aqui residindo. Foram elas: Jandira, da Igreja Evangélica Filadélfia de Patos, Antônio Martiniano dos Santos, Reinaldo Batista e Maria de Cândido, ambos da Igreja Evangélica Casa da Benção, no Rio de Janeiro e Antônio Belmiro, da Igreja Evangélica Brasil para Cristo, também no Rio de janeiro.

A primeira pessoa da cidade a converter-se nesta mesma época foi o ex. Católico Hesdras Araújo de Farias, participante de todo o processo de fundação e nos cedeu entrevista para este estudo. De acordo com ele, aos dezoito de outubro de 1988, acontece o primeiro culto, presidido pelo Pastor Reinaldo.

A partir daí a maior dificuldade, era local para realização dos cultos, que aconteciam sempre na residência onde o Pastor estivesse morando. Este por sua vez decidiu quase que somente com recursos próprios iniciar a construção de um templo, que ficou concluído entre 1990 e 1991. O pastor Reinaldo então é transferido daqui e deixa a igreja em boas condições e com um bom número de seguidores.

Assumiu a Igreja o Pastor Geraldo da Silva que se dedica a apascentar aqueles que já faziam parte da Igreja. Todavia, conseguiu ampliar em pequena quantidade o número de fiéis.

Na década de 90, o crescimento dessa religião era tão grande que o padre Severino Alencar deixou escrito no Livro de tombo da paróquia de Taperoá, o seguinte:

> *"Estamos unindo as lideranças para a organização da pastoral e da administração. Em Junco e Assunção, temos muito que desenvolver a catequese e a evangelização. Assunção está fortemente invadida pelo protestantismo"(15)*

O terceiro Pastor foi Severino Marinho, considerado pela igreja um avivalista, ou seja, homem de mensagem forte, intensa. Fez extensão dos trabalhos fora da igreja na zona rural e urbana de Assunção, realizando assim, grande aumento de fiéis. Com a saída dele o Pastor Reinaldo volta e passa uma pequena temporada em que conduz a Igreja com a mesma dedicação e amor de antes.

O atual Pastor chama-se Josias Salustiano, que vem dando continuidade aos trabalhos da Igreja de forma tranqüila e apascentadora.

Desde a sua fundação a Igreja conta com o grupo das senhoras, "Heroínas do Amor" e com o grupo de jovens "Mocidade". Conta também com um grupo de crianças, um presbítero e diáconos que sob a orientação do Pastor, evangelizam e dentro das possibilidades atuam na área social da cidade ao lado das famílias carentes.

Atualmente a Igreja Assembléia de Deus que no Brasil nasceu no Belém do Pará, tem desempenhado em Assunção um trabalho firme e sólido e já comporta significativo número de fiéis com resultado deste trabalho de pouco mais de quatorze anos. O nosso entrevistado finalizou dizendo que para o futuro a Igreja espera um crescimento muito maior. Segundo ele, se a obra é do homem por se é destruída, mais se é de Deus jamais terá fim. Na igreja ele foi coordenador do grupo mocidade, professor da escola Bíblica e atualmente é pregador da Palavra.

4.1.3 HISTÓRICO DA IGREJA BETEL DO BRASIL.



Essa Igreja nasceu na Paraíba na cidade de João Pessoa no Alto dos Medeiros por volta de 1970, através de Lídia Almeida e hoje já existe em diversos paises do mundo, como: Alemanha, Japão, França, Estados Unidos da América, Portugal, Argentina e países africanos. Foi a segunda Igreja Evangélica a se oficializar com religião em Assunção.

Em treze de Agosto de 1996 ela foi fundada pelo pastor Cirônio Ferreira. Enfrentando as dificuldades de não ter um local específico, a Igreja funcionou por várias residências por onde o Pastor morou. Não muito diferente à Igreja Assembléia de Deus. Com a transferência do pastor Cirônio quem vem dar continuidade ao trabalho é o Pastor Ariélio Quirino, que teve a sua disposição o apoio do obreiro Benício da cidade de Juazeirinho -PB, também do Seminarista Julierme da cidade de João Pessoa-PB e dos pioneiros de Assunção, Valdir que foi pessoa chave para a fundação da Igreja, Jandira, a mesma que colaborou com a fundação da Assembléia de Deus; Vanuza, Verônica e Hesdras que também colaborou com a fundação da Assembléia de Deus. O terceiro Pastor é o atual, Carlos Alberto Cavalcante Guedes.

Somente em 2000, depois de quatro anos de caminhada a igreja ganha o seu templo através da ajuda do Engenheiro Marcos Muniz e do Empresário Eduardo Galindo, ambos do Rio de Janeiro.

A Igreja do Betel acredita em Deus como sendo o centro de tudo e executa trabalhos sociais junto a pessoas carentes da comunidade através de parceria com outras igrejas, o que nos dá a entender que ela tem caráter Ecumênico. Atua também na área da Educação, com uma escolinha de reforço para alfabetização, atendendo em média dez crianças que são assistidas também com lanche de boa qualidade. O trabalho é coordenado pela esposa do pastor que dispõe de alguma experiência na Educação. Ainda nesta área, prevêem para o futuro a construção de uma creche para atender mais crianças. Para tanto já dispõem de um terreno.

Na religião atuam na cidade e no campo através da escolinha Bíblica atendendo hoje setenta crianças.

O Pastor Carlos que nos deu esta entrevista se servindo de algumas colocações do fiel Reinaldo Batista, finalizou dizendo

que a Igreja diferencia muito bem o social do religioso.Para ele, seguir a religião é uma mera opção e não uma obrigação daqueles que são assistidos pela Igreja na área do social. Também disse acreditar no crescimento futuro da religião.

4.2-ENSINO

Durante o século XIX ensino no Brasil era privilégio de poucos. Ir às universidades, porém, era mordomia de minoria de homens, filhos de fazendeiros.

No Sertão e Cariri da Paraíba merece citarmos as escolas de Vasconcelos Brandão em São João do Cariri, Padre Rolim em Cajazeiras e Clementino Procópio, em Taperoá.

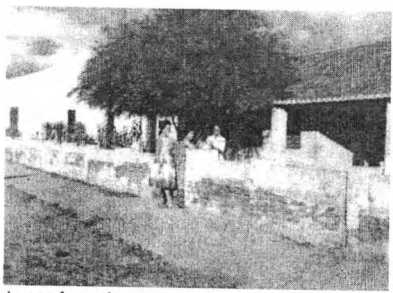
No território de Assunção, a primeira escola de que temos notícia data de 1892, no sítio Mucuitú regida pelo professor Januário.A partir daí, foram surgindo escolas nas próprias residências dos professores. No século XX cumpre registrarmos os seguintes educadores: Dona Camila Martins, Lidertude Ferreira Borges, Izaura Gomes de Oliveira (Cajazeiras), Alfredo (Cajazeiras), José João (Cajazeiras), Júlia Borges Ferreira, Judite de Oliveira Correia, Quintino Lino dos Santos (Barra) e Bento Brando (Barra).



D.Júlia Borges e D.Camila Martins (duas grandes professoras) juntas ao chefe político José Ribeiro

Em grande parte do século XX os métodos educacionais eram puramente arcaicos e tradicionais. O professor ditava os conteúdos para que os alunos decorassem e respondessem em provas escritas da forma que o mestre exigia. Estudavam tabuada cantando. Os castigos como ficar ajoelhados sobre grãos de milho, a palmatória, "cascudo", puxão de orelhas, são responsáveis pelo medo que os alunos sentiam dos professores e das escolas. Isso, juntamente com o fato dos pais preferirem seus filhos no trabalho em vez da escola, são responsáveis pelo alto índice de analfabetismo, muitos dos quais hoje sequer assinam o próprio nome

4.2.1-HISTÓRICO DA ESCOLA "JOÃO MARTINIANO"



A escola antigamente



A escola hoje

A Escola Estadual "João Martiniano" foi fundada em 1954 pelo prefeito de Taperoá Adeodato Vilar, através do deputado José Ribeiro de Farias que conseguiu verba estadual para, além dessa, construir as de Juazeirinho, Livramento e Lagoa Queimada, em Taperoá, todas no mesmo estilo arquitetônico.

Durante sua história essa escola já teve várias denominações, a saber: Escola Elementar de Estaca Zero, Grupo Escolar Distrital, Escola Isolada de Assunção, Escola Estadual de 1º grau de Assunção e Escola Estadual de Ensino Fundamental "João Martiniano", este o atual.

Muitas pessoas contribuíram para o engrandecimento dessa instituição educacional, pioneira escola da então Estaca Zero. Entre essas, cumpre citarmos os nomes de todos os educadores de sua história: Josefa Guimarães Barreto, Maria do Carmo Motta,

Evanilda Gonçalves, Jermana Sérgio, Maria Alves Felismino, Terezinha Medeiros, Verônica Maria de Oliveira, Aderaldo de Souza Lima, Anazilda Queiroz Correia, José Evandro Queiroz, Anailde Maria de Souza, Sebastiana de Souza Lima, Edna Teófilo, Ivone Amaro de Souza, Maria Selma da Nóbrega, Maria Dalva de Lima, Derinalda Maria da Cruz e Vanusa Maria de Oliveira.

Quando fundada, passou a administrá-la a professora Odacy Vilar da cidade de Taperoá. Esteve exercendo esse cargo até falecer. Daí em diante protagonizaram tal função as seguintes gestoras:

- Francisca Pimenta (1983-1988)
- Maria do Socorro Dias de Tolêdo Farias (1989)
- Júlia Borges Ferreira(1990)
- Marias das Graças Farias Diniz(1991)
- Vanusa Maria de Oliveira(1992-1998)
- Marcionila Araújo(1998)
- Maria das Neves Galdino(1998-2000)
- Vanusa Maria de Oliveira (2001-...)

Até 1988 as turmas eram multisseriadas. A partir de então ocorreu divisão por série, sendo uma professora para cada. A primeira turma concluinte da 4ª série, nesse mesmo ano, foi: Diva Balduíno dos Santos, Maria Tereza de Lucena, Antonio Alves Felismino, Gildo Vilar Fonseca, Vanderlan de Souza Pereira e Vanderlei de Souza Pereira.

Em 1954, ano da fundação, foi constrída apenas uma sala de aula. Em 1982, o governador Tarcísio Burity empreendeu ampliação mediante construção de outra, ao lado oeste da atual área de recreação. Em 1989, durante o segundo governo Burity a escola ganhou o muro, através de recursos enviados pelo secretário de educação e cultura, o taperoaense Reginaldo Moura Brasil.

4.2.2 - HISTÓRICO DA ESCOLA JAIME FERREIRA



A Escola Municipal "Jaime Ferreira" foi fundada através do prefeito da cidade de Taperoá Manoel de Assis Melo em terreno doado por Jaime Ferreira , no de 1972, passando a receber alunos somente a partir de 1973. Esta foi a segunda escola do distrito e a primeira municipal, e atendia de primeira a quarta série. Teve como primeira turma concluinte os seguintes alunos: Damião Santos, Djalma Santos, Severino Lira, João Olinto, Alaide Araújo, Edite Alves, José Nascimento, Luíza Araújo, Socorro Gonçalves, Maria José Martiniano, Fátima Oliveira, Socorro Rodrigues, Iraci Oliveira e Terezinha Alves.

Sua primeira diretora foi a senhora Júlia Borges Ferreira, filha do doador do terreno da escola e educadora da época. Júlia, realizou uma longa administração que durou de 1972 à 1996.

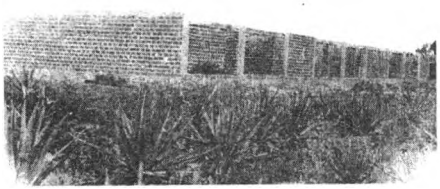
A segunda diretora a atuar na escola no ano de 1997, foi Damiana Moreira Diniz, que era professora na administração de Júlia. Esta atuou até o ano 2000.

Em 2001, quando a diretora Damiana é afastada da função, assume o cargo Wanderlene Diniz, que passa apenas alguns meses, cedendo a função para o professor José Joilson Lima, que também atua apenas por alguns poucos meses. Já no final do ano 2001, é nomeada a professora Eva Salustiano, esta faz uso do cargo até hoje.

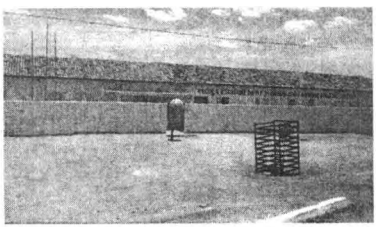
Durante os trinta e dois anos desta escola cumpriram a missão de professores: Engrácia Félix, Santina Maria, Ivonete Firmino, Madalena Guedes, Lindalva Téofilo, Maria Gorete, Rita Pereira, Maria das Graças Alves, Alice Lima, Socoro Pereira, Genilda Pereira, Ester Taveira, Luiza Araújo, Maria das Dores Lima, Bertalúcia Moreira, Edileuza Martiniano, Derinalda Maria Cruz, Benedita dos Santos, Estelita Taveira, Marinalva dos Santos, Marinalda dos Santos, Ivone Amaro, Mailde Medeiros, Maria Nazaré, Helenita Pereira, Santina Maria, Dalva Pereira dos Santos, Selma da Nóbrega Santos, Damiana Moreira, Elizabete Souza, Maria da Assunção Moraes, Dalva de Lima, Darci Pereira, Joelma Maria de Andrade, Maria do Carmo Silva ,Ivonete Alves de Farias, Ruth Soares, Auxiliadora Farias, Expedita Oliveira, Rita almeida, Maria das dores Oliveira, Joilson de Lima, Joselita Correia, Joselita Cristovão, Socorro Oliveira, Marinaldo Medeiros, Fabiola Soares, Josinéia da Silva,Eva Lucineide, Ana Lúcia Simões, Ivanir Maria, Estela Félix, Joseane Martiniano, Marinalda Sérgio, Patricio de Oliveira Correia, Maria das Dores Gomes, Luciana Pereira, Karina Lígia, Lázaro Alves de Farias e Silvana Cássia.

Em 2001 fora implantada a 5ª série, tendo como primeira turma: Aline silva, Audeilde Farias, Carmelita Tomás, Cícera Janaina, Damiana dos Santos, Damião dos Santos, Daniele Queiroz, Dimas Martins, Erivaldo Medeiros, Evaldo Leal, Gerlane Inácio, Gleice Aragão, Janicleide Oliveira, João Sérgio, Juliana Silva, Marcely Nóbrega, Marcos Antonio Prudêncio, Maria da Guia Santos, Francinete Balduíno, Maurício Nascimento, Silvânia Tomás, Sonaly Balduíno, Thiago Soares, Washington Alves, Willian Salviano e Marcos Antonio Santos.

4.2.3-HISTÓRICO DA ESCOLA "JOÃO ROGÉRIO"



A escola emconstrução



A escola hoje

A história da Escola "João Rogério" tem início com o projeto de lei nº 20/75, impetrado junto à Câmara Municipal, pelo Prefeito de Taperoá, José Ribeiro de Farias. O artigo 4º do dito projeto denominava a escola de "João Rogério Dias de Tolêdo", um jovem universitário taperoaense morto precocemente em Campina Grande no ano de 1974. O mesmo era filho de Romildo Dias de Tolêdo e Ivone Ribeiro de Tolêdo.

Enviado para a Comissão de Educação, Saúde e Assistência Social, o referido foi aprovado em outubro de 1975. Assinaram o parecer favorável o Presidente a Comissão Osvaldo Vilar Filho, o relator Alírio Moreira de Lucena e o Membro, João Evangelista Correia, do MDB de Assunção.

A instituição foi, enfim, legalizada mediante a resolução nº 59/76 e passou a funcionar no prédio cedido por Teodomiro Salvador. Em 1976 foi implantada a 5ª série e em 1979 já se festejava a primeira turma concluinte da 8ª série, a saber: Délia Maria de Queiroz, Francisca Maria de Souza, Faustino Antonio Barbosa, Iraci Luzia de Oliveira, João Olinto da Silva, Maria de Lourdes da Silva, Maria Rosilá de Morais, Maria Gorete dos Santos, Maria Zélia de Oliveira, Maria Alves de Souza, Rosilda Pereira da Silva, Severino da Costa Lira e Teresa Neves de Souza.

De 1977 a 1980, quando José Vilar era Prefeito de Taperoá efetivou a construção do prédio onde hoje funciona a referida escola. Conseguiu verba federal através da mediação do deputado federal Arnaldo Lafayete. Segundo Seu Edvaldo, hoje vigia da Instituição, na época servente da obra, quando Zé Vilar foi afastado daquela edilidade cedendo lugar a uma intervenção estadual, o prédio ficou praticamente concluído. Coube ao interventor José de Assis Queiroz, os serviços de acabamento, como o piso e os basculantes além construção da diretoria, onde também funcionava a sala dos professores.

Em 1983 o vereador assunçãoense Balduino Balbino dos Santos apresentou um projeto de lei na Câmara Municipal de Taperoá, no qual solicitava a abertura de licitação para a construção do muro da Escola "João Rogéio". Sua aspiração, porém, foi realizada apenas em 1990 quando o Prefeito Luiz José Monteiro de Farias, além de murá-la, construiu uma sala de vídeo,

outra para o almoxarifado e três salas de aulas.

Em 1990, o prefeito Lula fundou o Ensino Médio (antigo 2° grau) nesta escola. Já funcionava as três séries, sendo que a primeira turma concluinte era composta por apenas dois alunos: Aloísio Honorato, soldado de polícia que vinha de uma 2ª série cursada na Escola "Santo Onofe", em Santa Luzia e Aroldo Araújo de Farias Lellys, advindo da Escola "Melquíades Vilar", de Taperoá.

Em 1992 quando a irmã de João Rogério, Socorro Tolêdo de Farias, era sub-secretária estadual de educação do governo Ronaldo Cunha Lima, conseguiu a estadualização da citada escola, legalizada pelo decreto nº 14.547 de 1° de julho de 1992.

A primeira administradora da escola de fato foi Evanilza José Gonçalves, mas de direito era Vanilza Carneiro, hoje professora da UEPB. Isso se deveu ao fato da primeira assinar burocraticamente a fundação.

A seguir citaremos os nomes e o período da atuação de cada diretora:

- Evanilza José Gonçalves (1976 1979);
- Rosa Alexandrina Gouveia Ramos Pereira (1979 1985);
- Eliene Cavalcante de Queiroz (1986 1988);
- Joana Darck Trajano Rodrigues Vilar (1989);
- Júlia Borges Ferreira (1990 1992);
- Maria Sônia Barreto (1993 1997);
- Vanusa Maria de Oliveira Santos (1998 2000);
- Mônica Suely Trajano Rodrigues Vilar (2001 2002).

Cumpriram o árduo papel de mestre: Orlando Martiniano, Mafalda Araújo Fernandes, Maria das Neves Marinho, Neuma Marinho, Eliene Cavalcante, Fátima Trajano, Joana Darck Trajano Rodrigues Vilar, Aristótelis Vilar, Sônia Barreto, Magna Araújo Fernandes, Maria do Socorro da Silva Souza, Edenia de Brito, Maria Aparecida Queiroz, Maristela Emília de Brito, Iêda Pires Vilar, Eliene Dantas, Clayton da Silva, José Bernardo, Mônica Suely Trajano Rodrigues Vilar, Erinalva Ramos, Maria da Graças Farias Diniz, Maria da Salete Moreira, José Evandro Queiroz, Erinalba Ramos, Ângela Souza, Aderaldo Souza, Pedro Pimenta, Maria da Salete Batista, Hesdras Farias Lelys, Vanicleide Leal de

Melo, Maria do Socorro Farias Diniz, Maria de Fátima Queiroz, Maria Rosângela Nunes Diniz, José Luciano de Queiroz Aires, Gislaine Hozana Araújo Fernandes, Maria Alves Felismino, Luzineide Aires de Queiroz Guimarães, Odete Maria de Queiroz, Cícero Vieira da Costa, Áurea Jane Gonçalves Gouveia, Adailton de Farias Andrade, Joselita de Oliveira Correia, Aurizélia Pereira d Silva, Evandro Cunha, Horácio Rodrigues e Jailson Alves das Neves.

4.3-DA TRANSMISÃO DA CULTURA, À IDENTIDADE DE UM POVO

Ao longo dos anos, a cultura do povo da Estaca Zero de ontem, vai formando a identidade do povo da Assunção de hoje.

Em Estaca Zero seu povo festivo já comemorava as festas juninas de maneira simples ao pé da fogueira, numa roda de amigos e amigas, onde comiam as comidas típicas do milho verde, realizavam simpatias perto do fogo e também realizavam os casamentos matutos, lembrando as formas dos casamentos de seus ancestrais. A festa era sempre acompanhada pelo som da sanfona ou do tradicional fole que proporcionava muita dança. A partir de 1989, o povo de Assunção ampliou essa cultura que ganha as quadrilhas juninas, um novo grupo musical e a maior festa de São Pedro de toda região.

4.3.1-NO GOVERNO LULA, A FESTA QUE VIROU TRADIÇÃO.

O jovem administrador, de uma ótica também voltada para o cultural, funda no distrito a festa junina de São Pedro que ainda no seu mandato se tornaria a maior tradição do Cariri Paraibano.

A primeira festa marcou a vida de todas as pessoas que aqui estavam. Naquele ano, o distrito é preparado para receber a festa e os visitantes. bandeirolas, barracas, estrutura de palco, área para estacionamento, palhoção central e luzes, muitas luzes, além de um grande arco, que na entrada da cidade pelo lado de quem vinha de Taperoá recepcionava os visitantes com a frase: BEM VINDOS AO 1° MAIOR SÃO PEDRO DA REGIÃO e uma fogueira

gigante que pela outra entrada anunciava o grande acontecimento. O povo nunca tinha visto em sua terra nada igual.

No primeiro dia, a festa teve ínicio logo à tarde com duas atrações especiais para as crianças, apresentações de quadrilhas juninas que vieram também de Taperoá. À noite a abertura oficial da festa aconteceu com as falas do prefeito Lula e sua esposa Socorro além de alguns políticos locais e com a queima de um grande show pirotécnico.

A festa então começa com animação de bandas que foram escolhidas pelas próprias pessoas da comunidade numa atitude total de democracia do prefeito Lula. As bandas foram: Terra nova de Assunção, Espaço Musical, Banda Xaxado e Mandacaru, ambas do Rio Grande do Norte e que na época eram grandes atrações. A festa contou também com a participação do poeta e sanfoneiro Amazam.

Este evento que existe até hoje na cidade jamais deixou de acontecer em nenhum ano e foi criado pelo Prefeito Lula da cidade de Taperoá

A primeira quadrilha fundada foi a "Arraia da Alegria" ,em 1989, uma iniciativa de Antônio França. A quadrilha reunia pessoas da terceira idade que recebiam total apoio da prefeitura. O objetivo era integrar os talentos da maturidade na cultura. O sucesso foi total, a equipe formada por "Pedão", Zélia, Acácio Vieira e companhia, logo conquista o público de Assunção. Mas movidos pela criação da grande festa e seguindo o exemplo da terceira idade a juventude também se manifesta anos depois e formam a quadrilha "Girassol" no ano de 1993. A partir daí surgiram diversas outras chegando a um total de dezesseis que recebiam vestuário da prefeitura e animavam todo o mês de junho com apresentações de rua por toda cidade. O avanço no número de quadrilhas foi tão grande que o primeiro dia da festa passou a ser dedicado as elas com a realização de um concurso que premiava da primeira a terceira colocada, porém todas recebiam troféus de participação. O primeiro concurso foi vencido pela quadrilha "Girassol" ao lado dos veteranos da "Arraiá da Alegria" que ficaram em segundo lugar. Foi um momento em que a cultura junina teve o maior crescimento da história de Assunção até hoje.

Em 1996, surge mais uma quadrilha, a "Beija-Flor" que ao lado da "Girassol" representava Assunção também na região. De níveis parecidos o mais importante momento destas quadrilhas foi o terceiro lugar obtido por cada uma num concurso de quadrilhas do Cariri paraibano, na cidade de Serra Branca-PB.

As quadrilhas estão assim resumidas: "Beija-Flor" que também é grupo de dança, uma quadrilha de crianças e o grupo "Arco-Iris" formado só por mulheres; e a "Girassol" que se tornou grupo.

4.3.2-ADMINISTRAÇÃO DE GERALDO NOÉ DE FARIAS. NO DISTRITO, SURGE O CARNAVAL.

De 1993 a 1996, assume a Prefeitura de Taperoá, o vice-prefeito do governo Lula, Geraldo Noé de Farias, que no distrito de Assunção dá continuidade a tradicional festa de São Pedro e apoio às quadrilhas juninas. Mas também cria uma outra festa, o carnaval tradicional do mês de fevereiro. A festa era animada por blocos carnavalescos da cidade de Taperoá e o próprio prefeito também virava fulião neste evento.

Em 1997, quando Assunção é instalada com os poderes locais é realizada uma pequena festa de carnaval a qual conta com a fundação de um bloco que ganha o nome de "Boca Torta" apelido dado ao partido da situação na época da eleição. O nome tornara-se um paredão que dificultava o acesso da juventude que tinha votado na oposição. O bloco teve pouca duração assim como a pequena festa. O ponto mais forte do bloco era uma viagem que ofereciam para os integrantes através da prefeitura até a capital.

4.3.3-O FUTEBOL DE TANTOS

No Brasil o futebol tem se caracterizado como o esporte das massas, capaz de levar multidões para os estádios, a exemplo da final da copa do mundo de 50, quando mais de 150.000 brasileiros foram ao Maracanã e viram uma derrota brasileira por 2x1contra o Uruguai, no que poderia ter sido o primeiro título mundial.

Mesmo assim, a derrota não conseguiu diminuir o amor do povo brasileiro pelo futebol, nem abalar o talento dos nossos craques. Hoje somos os únicos tetra e penta campeão do mundo, através dos títulos de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. Além disso, temos por mais uma vez o melhor jogador do mundo que é Ronaldo.

Não obstante aos acontecimentos do país, o futebol é uma das mais antigas e queridas cultura de Assunção.O primeiro time foi o "15 de Agosto" fundado provavelmente na década de 60 por Luís Carístia que tinha como principal rival da época o "Assunção" fundado depois pelo Senhor José Pereira do Nascimento, conhecido como Zé de Pedro. O 15 foi extinto por mais de 20 anos, sendo reaberto por Francisco de Assis Coelho, conhecido como "Cíci" em 03 de agosto de 1998. O Assunção já não existe mais.

Surgiram também na década de 80, o "Açunique2, o "Cascavel", o "Ferroviário", e nos anos 90 alguns times da zona rural, como o "Bandeirante", (Frades) "Beira Rio", (Cajazeiras), "Passira" (Cajazeiras) e o "União" (Frades), além de mais um na zona urbana o "Juventus FC".

Nos dias atuais a grande rivalidade fica por conta do tradicional "15 de Agosto FC" e do Jovem "Juventus FC", estes já se enfrentaram em duas finais de campeonatos municipais de 98 e 2002, ficando um título para cada lado, 98 para o 15 e 2002 para o juventus.

O futebol em Assunção sempre foi um esporte de todos, de quem joga e de quem vai a o campo prestigiar a partida. Em épocas de campeonatos o campo reúne diversos torcedores as partidas animam as tardes de domingo da tranqüila cidade.

4.3.4-GRUPOS MUSICAIS DE ASSUNÇÃO

Para garantir a animação do povo ,Assunção dispõe de dois grupos musicais: Grupo Show Terra Nova e a Banda Diplomata.

BANDA DIPLOMATA

Esta foi a primeira banda, que surgiu na década de 70 e animava as festas de toda região, sobretudo Assunção. De

propriedade de Ademar Sérgio, a bandinha logo cresce e começa fazer shows em lugares distantes de Assunção, é quando o dono decide estabelecer morada em Campina Grande, lá o sucesso aumenta chegando até o Maranhão, por onde passa uns tempos. É nesse período de maior sucesso que a banda aproveita para gravar seu primeiro e único Cd.

Atualmente a Banda Diplomata está de volta a Assunção. Depois de um período de dificuldades está se restabelecendo com uma nova equipe depois de ter enviado músicos para as melhores bandas do país como Mastruz com Leite, Cavalo de Pau e Flor da Pele. Esta última recebeu uma filha de Assunção como dançarina, a jovem Érica.

A história de Diplomata honra muito a cidade de Assunção, pois em seu período de maior sucesso o nome de Assunção esteve sempre bem representado através da Banda e deste filho querido da terra que é Ademar Sérgio.

GRUPO SHOW TERRA NOVA

O Grupo Terra Nova quando iniciou a carreira se chamava "Bandinha do Pé da Serra", por ter sido criada no pé da serra da cajazeiras, no ano de 1979, isso por que todos os integrantes lá residiam, e eram eles: Lola, que tocava sanfona e era dono da banda, Antônio Carlos da Silva no triângulo, Deda França no zabumba e vocal e Antônio Pedro que ajudava no pandeiro.

A idéia de formar a banda foi dos pais de Lola, que inclusive patrocinou os primeiros instrumentos. Eles tocavam nas zonas urbana e rural do Junco, Assunção, Taperoá e Salgadinho em festas de aniversários, batizados e casamentos.

No ano de 1989 a banda passa a se chamar "Grupo Show Terra Nova". A sugestão foi da primeira dama de Taperoá Maria do Socorro Farias, e do ex-delegado de Policia, Aloísio Honorato. Terra em alusão a terra de Assunção e nova por que representava uma nova etapa de trabalho para a ex- banda.

Dez anos depois da mudança de nome e vinte anos após a fundação o grupo grava seu primeiro CD. No ano seguinte, com o aumento de sucesso e com o número de shows crescendo também, resolvem gravar outro Cd, segundo da carreira. E no ano 2002

apresentam a maior novidade da história do grupo, mais um Cd, esse totalmente diferente dos outros que só constam de forró. Neste trabalho chamado de Show dos três, Rogério dos teclados, o vocalista Luís Lula Marral o guitarrista e vocalista Carlinhos Braw tocam ritmos diversos de seresta. O Cd parece ser o mais aplaudido e ouvido de todos os trabalhos.

A banda "Terra Nova" significa muito para nossa cidade. Ao todo fazem parte dela além dos citados do Cd show dos três, Ivan e Aniere, vocal, Netinho do Acordeon e Erasmo Ambrósio Alves, empresário e proprietário respectivamente.

Na cultura de hoje também contamos com um carpinteiro chamado de Zé dos móveis, um artista plástico conhecido como Joãozinho Olinto, pintores, como Alberto, Didi, Chico de Vânia , Chico de Lindete e Betinho e pequenos grupos de teatro formado por crianças e adolescentes.

SÍMBOLOS HERÁLDICOS

A Bandeira do município de Assunção foi idealizada por Evanilza Gonçalves. De cores verde e branca, tem no seu interior um xique- xique, como símbolo da nossa caatinga.

O Hino foi idealizado pelo cantor compositor Dagmar Santos, que aborda pontos históricos, econômicos e culturais desse município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da atividade agro-pastoril ser base inicial para a ocupação territorial do município de Assunção, não seria ela que proporcionaria a origem da povoação.

Diferentemente da maioria dos municípios caririzeiros, onde a fazenda de gado foi o embrião das atuais cidades, Assunção nasceria na beira da estrada central das "obras contra a seca" em função da atividade comercial.

No decorrer do trabalho procuramos contornar a discussão em torno do fundador, sem individualização, procurando seguir as regras da historiografia crítica.

Fizemos análise da conjuntura política, sócio-econômica e cultural do município estudado, sem, contudo, esquecermos dos índios que foram os verdadeiros pioneiros de nossa terra.

Não fez parte da obra posicionamentos tendenciosos pois procuramos não omitir fatos que consideramos dignos de registro, muito menos registrá-los fugindo do conhecimento racional.

Politicamente falando, Assunção girou em função dos determinantes dos municípios-mãe. O PSD/MDB/PMDB salientou-se, historicamente, sobre a seqüência UDN/ARENA/PDS. Hoje, notamos equilíbrio no contingente eleitoral arrebatado pelos dois grupos políticos locais.

Economicamente, as atividades agro-pastoril sempre foram muito importantes, muito embora a origem da cidade tenha sido causada pelo comércio. A mineração é hoje o ponto forte da economia desse município, empregando mais mão-de-obra que a Prefeitura Municipal. Isso é muito importante.

Culturalmente, é importante registrarmos as Escolas de Ensino Fundamental e Médio, o bom desempenho da dança e da música e de diversos outros segmentos culturais citados no texto.

Essa é a Estaca Zero que virou Assunção, que marcha em busca de um futuro melhor.

NOTAS

(1)-JÓFFILY, Irineo. **Notas sobre a Paraíba**, Thesaurus, p.26
(2)-Citado por DINOÁ MEDEIROS, Tarcízio. **Freguesia do Cariri de Fora**
(3)-FERREIRA, Mário **O Marinheiro do Catolé**, p.95
(4)-AMORIM,Leonília e outros **Estudando a História da Paraíba**, p.57
(5)-Livro de Batizado Nº 1 da paróquia de Taperoá, p.323
(6)-DINIZ, José Pedro **Autobiografia**,s/p
(7)-Requerimento arquivado na Câmara Municipal de Taperoá.
(8)-Diário Oficial do Estado da Paraíba
(9)-MARIZ, Celso **Figuras e Fatos**.
(10)-Anais da Assembléia Legislativa da Paraíba
(11)-CARNEIRO ARNAUD,Antonio **Paraíba:Nomes do Século**, p.16-19
(12)MARIZ,Celso **Memória da Assembléia Legislativa da Paraíba**, p.149
(13)-Livro de Atas Nº 8 da Câmara Municipal de Taperoá.
(14)- Projeto de Lei arquivado na Assembléia Legislativa da Paraíba
(15)- Livro de Tombo Nº da paróquia de Taperoá, p. 52.

FONTES MANUSCRITAS

Livros de Tombo da paróquia de Taperoá;
Livros de Tombo da paróquia de Soledade;
Livros de Batizados, casamentos e óbitos da paróquia de Taperoá;
Livros de Batizados, casamentos e óbitos da paróquia de Soledade;
Livros de Batizados, casamentos e óbitos da paróquia de São João do Cariri;
Livros de Atas da Câmara Municipal de Taperoá;
Livros de Atas da Câmara Municipal de Juazeirinho;
Livros de Projetos de Leis da Câmara Municipal de Taperoá;
Livros de Projetos de Leis da Câmara Municipal de Juazeirinho;
Projetos de Leis arquivados na Assembléia Legislativa da Paraíba;

Resultados eleitorais arquivados no Tribunal Regional Eleitoral (TRE);
Livros de óbitos do Cartório Civil de Taperoá;
Livros de Óbitos do Cartório de Assunção;
Arquivos das Escolas.

DEPOIMENTOS PESSOAIS

Corina José Diniz
Teodomiro Salvador
Acácio Vieira de Andrade
Judite de Oliveira Correia
Anastácio Eugênio pereira
Teófilo José dos Santos
José Noel de Farias
Genival Mota dos Santos
Estevão Martins da Costa
Júlia Nenê
Hesdras Farias Lelys
José Rodrigues Bezerra
José de Oliveira
Carlos Alberto Cavalcante
Reinaldo Batista
Francisco de Assis Coelho
Erasmo Ambrósio Alves
Ademar Sérgio
Balduíno Balbino dos Santos
Osmerina Correia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, Antônio Carneiro. **Paraíba: Nomes do Século**

BLONDEL, Jean. **As Condições da Vida Política no Estado da Paraíba**. 2ª.ed., João Pessoa: Assembléia Legislativa, 1994.

CÂMARA, Epaminondas. **Municípios e Freguesias da Paraíba**. Campina Grande/Núcleo Cultural Português/Edições Caravelas, 1997.

DINIZ, José Pedro. **Autobiografia**

DINOÁ MEDEIROS, Tarcízio **Freguesia do Cariri de Fora.** São Paulo, 1990.Gráfica Editora Camargo Soares Ltda.

GALIZZA, Diana Soares de **Declínio da Escravidão na Paraíba (1850-1888)**, João pessoa: Editora Universitária, 1979.

GURJÃO, Eliete e outros. **Estudando a História da Paraíba**- Campina Grande:EDUEPB, 2001.

HERCKMANS, Elias. **Descrição Geral da Capitania da Paraíba.**João Pessoa, A União Cia Editora, 1982.

JÓFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Paraíba**. Brasília, Thesaurus.

MAIA, Sabiniano. **História do DER-PB (1500-1978)** João Pessoa, 1978.

MARIZ, Celso. **Evolução Econômica da Paraíba**, João Pessoa:A União Editora, 1939.

_____ **Memória da Assembléia Legislativa**, João Pessoa, 1987.

_____ **Figuras e Fatos**, João Pessoa, 1976.

MEDEIROS,Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**- 2ª ed. Rio de
Janeiro: 1950.

MEDEIROS, Mário Ferreira de. **O Marinheiro do Catolé** JP:Editora Universitária, 2000.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba:Lutas e Resistência**. JP: A União, 1994.

_____ **O Problema do Estado na Paraíba: Da Formação à Crise**. JP: EDUEPB, 2000.

NETO, Faustino Teatino Cavalcante e QUEIROZ AIRES, José Luciano de. **Os Filhos de Zé Ribeiro no Comando do PMDB de Taperoá**.João Pessoa: Fulysses, 2001.

QUEIROZ, Rachel de **O Quinze**- São Paulo: Siciliano, 1993

SEIXAS,Wilson Nóbrega. **Pesquisas para a História do Sertão da Paraíba**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, nº 21, JP., Imprensa Universitária da Paraíba, 1975.

TAVARES, João de Lira. **Apontamentos para a História Territorial da Paraíba**. Edição Fac-similar, 1982.